

A ESCOLA

Revista do Gremio dos Professores Publicos do Estado do Paraná

Subsidios pedagogicos

Um codigo organico, como qualquer outra construcção intellectual, surge naturalmente da observação consciente dos materiaes objectivos do meio que elle procura definir— e para o caso especial do Brazil exige ainda medidas que contrapezem ou equilibrem a nossa evidente fragilidade de raça ainda incompleta com a integridade absorvente das raças já constituidas.

Euclides da Cunha (1)

Noções dispersas e sem continuidade não podem satisfazer a intelligencia, não proporcionam alimento algum á reflexão, e apenas sobrecarregam a memoria, com pouco proveito.

Edmond Demolins (2)

A sciencia, com effeito, não consiste somente em uma somma de conhecimentos que é preciso possuir; a sciencia é, antes de tudo, o espirito scientifico, é a investigação, é o porque e o como erguidos a cada passo, é a desconfiança das ideas recebidas, é a fé na razão, é o rigor quanto ás provas, é a evidencia como regra soberana da certeza.

Edmond Scherer (3)

Façamos como os Japonezes; do estrangeiro tomemos somente, dos poderosos, os grandes processos que asseguram a victoria, e nada mais. Preparemo-nos para concorrer e luctar com elles.

Sylvio Romero (4)

Sou dos que pensam, a supposta decadencia de raças, exgotadas num perpassar de millenios, incompativeis com o progresso, incapazes de assimilar a civilização hodierna e combater vantajosamente pela vida, a par de outras raças,—mais novas, talvez, no scenario da Historia, menos remotas em tradições,— não repouza em fatalidade ethnica, numa irremediavel anemia, numa irreparavel ausencia de vitalidade organica; e, sim, num problema pedagogico, em nitidos principios de hygiene physica, intellectual e moral, em sabios, uteis e seguros methodos de instrucção e educação, adaptaveis ao meio, com perfeito conhecimento do habitat e do homem.

(1) *Contrastes e Confrontos*; p. 212.

(2) Ver: *Acacia*, n. 49, p. 50.

(3) *Études sur la Littérature Contemporaine*, v. VII, p. 302.

(4) *A Patria Portuguesa*, p. 414.

Antes de tudo, sabermos, — não o que desejamos ser, levados por imitações facéis, por adaptações fictícias e insustentáveis; — mas, o que podemos ser, em verdade, pela acção do meio, na atmosphera propria de nossa funcção social e organica.

Sabermos o que podemos ser, o que precisamos ser, e como nos devemos preparar e armar nos multiplos ramos de nossa actividade particular e publica, — de povo, — para luctarmos com vantagem pela vida nacional, para vencermos na desesperada concorrência dos paizes fortes, garantindo o habitat a nossos posteros e, com o habitat, a lingoagem, os costumes, o character, a estabilidade, a subsistencia, a fortuna. Não podemos querer para nossos patricios nem a condição de párias, nem a de servos, — vencidos pelos mais aptos, esmagados por dominadores de amanha, sem haveres num territorio vastissimo que é nosso, coagidos a mendigar a subsistencia, — se, por bem orientada funcção educativa, não os prepararmos, desde já, não para vencidos; mas, para vencedores.

Conhecido o habitat, as necessidades mesologicas, a funcção e a missão social que nos cabem, — estabelecer o ensino em bases seguras, rectas, inflexiveis, unificando-o em toda a Republica; ás mães e aos cidadãos de amanha ministrando os conhecimentos indispensaveis para que bem se orientem e procedam, guiando e dotando os filhos superiormente, fazendo-os fortes, conscientes, aptos e destemidos, sem temores deante do ignoto, sem esmorecimentos na vida.

O criterioso estudo de nossa Patria, de suas necessidades mais palpitantes, levaria a uma reforma cabal de todo o ensino, — primario, secundario e superior, — nos diversos cursos da Republica. Fragmentarias reformas, como as que temos tido, sem ponderação, mais para satisfazer interesses subalternos que nacionaes, só teem servido para anarchizar a magnifica systematização do immortal Benjamin Constant que procurou desenvolver o ensino num desdobramento logico. A obra do Mestre vòta toda ella em estilhas; e, no pandemonio dos programmas actuaes, vão, à sorrelfa, entrando *innovações* dissolventes, só capazes de mais rapido annihilar a vitalidade do povo brasileiro.

∴

Pedagogico, e não ethnologico, é, pois, o problema.

Certo, ao perpassar das éras, povos diversos teem conquistado a hegemonia, submettendo outros, nas phases brilhantes, mas ephemerias, de civilizações parciaes e transitorias. Os grandes imperios da antiguidade oriental, a expansão macedonia, o dominio romano, a tentativa carolingia, a ambição napoleonica o attestam.

Ha, porem, distinguir entre *povos* e *raças*: — estas, disseminadas pelo Orbe, desde as migrações prehistoricas, num caldear de populações autochtones e dominadoras, calcadas em novas invasões, fundidas pela acção serena e lenta do meio, — quando não extinctas na ferocidade das conquistas, ou pela systematica e hostilizante exclusão de empolgantes levas avultosas de colonos mais aptos; aque-

lles, surgindo de agrupamentos felizes, a vida social estabelecida, presos por interesses communs, unificados pelo habitat, pela lingua-gem, pelas tradições, pelos costumes, usos e historia.

Os povos, como as sociedades humanas, sujeitos á ignorancia, ás paixões, á tyrannia, ao despotismo, ás brutalidades da força armada, -- surgem, expandem-se, dominam, decaem e morrem, ainda mesmo quando podem percorrer os estadios todos do evoluer, e se não vêem sustados subito pelas impiedades do imperialismo insaciavel.

Esse direito e esse dever, — o direito e o dever de sua funcção historica, — ao Brazil cabe, preparando elementos vigorosos e conscientes para repellir ambições mercantis e exhaurentes que viriam ankylozar-lhe a missão social, impedindo-lhe crear superiores cellulas da Humanidade futura. Não é o imperialismo com suas garras e canhões, exigindo fortunas e dispendendo milhares de contos; não é o machiavelismo das chancellarias de Estado; não é a rotina e não são estultos preconceitos de edades mortas, de primitivas creaturas, eivadas de superstição e de fanatismo, que poderão nortear os povos, orientar as gentes, civilizar os homens, dando-lhes estabilidade, fortuna, alegria, paz e liberdade.

O machiavelismo politico insufflou e vulgarizou o decantado privilegio de raças, — dividindo-as em *inferiores* e *superiores*, collocando-se no apice dos destinos humanos, a esmagar os mais fracos, crimosamente, a dictar leis ao mundo....

Onde, porem, as *raças puras*, extremes de cruzamentos, — no immiscuir de tribus e populações que sobem, dos ultimos poentes do periodo terciario ou das primeiras auroras do quaternario, a cingir a Terra, atravessando mares, dominando planicies, descendo aos vales e galgando montanhas, já quando viviam da pesca e da caça, já no apascentar dos rebanhos, já consagradas á agricultura?

Não sei de *raças* europeas ou americanas, puras de fusão ou liga; não sei de *raças* morrentes por incapacidade ethnica.

Ha vencedores e vencidos; ha populações em atraso, outras que evolvem lento, outras que fulgem, que decaem outras....

A causa, não o perguntemos á *raça*; mas, ao *habitat*, á *pedagogia*. Ao *habitat*, melhora-o a Sciencia: — o problema, portanto, é resolvido pela ESCOLA.

Transforme a *Hespanha* suas escholas, higienize os meios, robusteça os musculos, oriente as intelligencias, apure os caracteres, quebre os moldes á rotina: e florescerá, encantadora; rompa a *Allemanha* as normas que adoptou, deixe que á corrente de suas ideas substituam credices estultas, a negação da vida, do trabalho, da familia; deixe que lhe embruteçam a infancia nas escholas e a mulher nos lares: e, em quatro gerações, a Allemanha apresentará o triste aspecto das nações anemizadas e decadentes.

Nem ha dizer que a Hespanha, ainda que o tentasse, não o conseguiria, por incapaz; ou que, na Allemanha, as infiltrações dissolventes não lograriam abatel-a, porque superna. E' questão pedagogica: Dous gemeos, educados em differentes meios, sujeitos a influxos di-

versos, ficarão mais distanciados que dous extranhos creados semelhantemente.

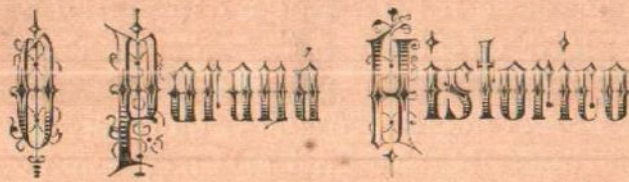
O exemplo da *Escocia* e da *Irlanda*, já classico, é sempre eloquente: mesma raça, mesmo povo, mesmas origens historicas, mesma civilização inicial; emtanto, a *Escocia* prospera, a *Irlanda* murchece....

A cauza ?

Na educação, na eschola.

Coritiba, 15 de Abril de 1907.

DARIO VELLOZO.



VISTA RETROSPECTIVA: NOÇÕES GERAES DE PREHISTORIA PARANAENSE. CONQUISTA, POVOAMENTO E CATECHESE. TRAÇOS LIGEIOS DA HISTORIA DO PARANÁ.

Pretender prescrutar a origem do homem americano á luz vacillante da anthropologia e da archeologia, disse o Dr. Ladislao Netto, o mesmo fôra que, com a lampada mortíca de um mineiro, se tentasse allumiar as anfractuosas e profundas fendas de vastíssima caverna.

Lançando a vista para o passado do nosso Paraná, procuramos somente synthetisar as doutrinas que se levantam para explicar o apparecimento da especie humana no Continente Colombiano, sem alentar a pretensão de concorrer para desvendar os mysterios da origem do nosso selvagem.

Duas escolas antagonicas disputam o merito de haver dado razoavel solução ao problema, sem que ainda a verdade tenha sido definitivamente consagrada. A escola monogenista, baseada nas tradições religiosas da civilização aryana, acceita a unidade da especie humana e, modificada por Quatrefages, conseguiu penetrar no campo scientifico como doutrina digna dos credits da moderna orientação philosophica. Fazendo a especie humana descender de um só tronco, a escola monogenista explica o povoamento da America, como tendo sido operado por migrações seculares de povos do Antigo Continente. Dando como principal caminho do exodo o extremo norte da America no ponto de mais prompto contacto entre este e o territorio aziatico (a peninsula de Kamtckatka, ilhas Aleutes e peninsula de Alaska,) a escola monogenista admite outras vias

de migração, entre ellas a seguida pelos scandinavos atravez da Islandia e Groelandia e as das correntes oceanicas que se dirigem para a nossa costa.

Admittida esta escola, o homem americano nada mais é do que uma modificação do homem do velho continente, um representante de velhas raças que aqui soffreo a influencia mezologica, adquirindo traços novos e caracteristicos.

Os polygenistas, afastando-se por completo da anterior doutrina, sustentam que as especies têm varios centros de apparição, substituindo assim a unidade do Eden biblico pela pluralidade dos *habitats* scientificos. Pretendendo assentar seos principios em solidas bases, o polygenismo procurou na paleoethnologia pontos de apoio que assegurassem a sua preponderancia. Assim, pois, da descoberta do pretendido homem terciario da Terra Nevada, estudado por Whitney e dos importantes estudos de Lund sobre o *Propithecus brasiliensis* ou *antropithecus brasiliensis* da Lagoa Santa, tem o polygenismo deduzido argumentos provando que o homem americano é um producto genuino do Continente.

Admittida esta doutrina ha a saber se o homem americano, como pretende Agassiz, é filho de um unico centro de creação ou se no continente houve primitivamente varios *habitats*. O indigena americano não pertence, como sustenta Morton, a uma só raça, mas a varias como demonstrou Orbigny.

Feita esta synthese passamos a, ligeiramente, analyzar a taxinomia indigena brazileira, isto é, a sua classificação segundo os mais notaveis indianistas. D'Orbigny tinha agrupado na divisão brazilioguarani toda a nossa população indigena, porem estudos posteriores, baseados na morphologia e na linguistica, têm tornado inaceitavel esta theoria.

Von Martius, ao contrario de D'Orbigny tem feito dos nossos indios, uma divisão em 7 grupos: *Tupis*, *Gês*, *Guerens*, *Guck-Parecis*, *Goitacaz*, *Aruack*, *Guaicurús*. Esta classificação que obteve a consagração dos nossos indianologos, foi em parte combatida pelo Dr. Von den Steinen.

Um moderno ethnologo allemão fez recentemente estudos sobre os nossos selvicolos, classificando-os em quatro grandes grupos: os *Tupis* que em 1500 habitavam todo o littoral brazileiro e que haviam emigrado do planalto central da Bolivia pelo valle do rio Paraguay e penetrado em nosso territorio, que conquistaram expellindo seos primeiros habitantes; *Gês* que, segundo uns, do planalto central do Brazil se estenderam por toda a região brazileira e constituiram seos primeiros habitantes; os *Carahibas*, que a maioria dos nossos escriptores, davam como sendo originarios das Antilhas, e que alguns pretendiam fossem troncos da raça tupica. (Estudos recentes dão esta tribu como sendo originaria da zona comprehendida entre as nascentes do Tapajoz e do Xingú). Os *nu-aruaqs* que partindo da costa do mar das Antilhas, dominaram os Andes perua-

nos e bolivianos e se estenderam para o sul em direcção do alto Paraguay e para oeste até o centro do Brazil.

Feito este ligeiro estudo passamos a estudar o selvagem paranaense na época da descoberta.

Em 1500 predominava no littoral paranaense a tribu dos carijós, pertencente á raça tupica. E' exacto que, antes da conquista, uma raça diversa tinha povoado todo o littoral do sul do Brazil e ella constituio o que o Dr. Trajano Moura chama homem mesolithico americano.

O homem dos sambaquis que ja rapidamente estudamos na Noticia Historica de Antonina, diversifica-se das tribus modernas por caracteres craneologicos e morphologicos. Pertencente a uma civilização mais rudimentar do que a dos Carijós, o homem dos nossos sambaquis só poderia encontrar no botocudo moderno um representante mais aperfeiçoado. O Dr. Ladislao Netto considera o homem dos sambaquis como sendo contemporaneo da formação das nossas costas, porem esta opinião não a podemos adoptar, tendo em vista que a natureza não iria constituir simultaneamente o solo e os seus habitantes. O que se nos afigura é que o homem mesolithico, encontrado no Paraná, é um representante primitivo da raça *gês* e constituia o primeiro habitante do nosso solo.

A raça carijó que dominava desde Cananéa até ás margens do Paraná, exercia na costa de toda essa longa extensão verdadeira supremacia. No interior do Estado outras tribus selvagens, em continua lucta, disputavam a posse do territorio, sendo de todas a mais importante a tribu dos Guaranis que se extendiam por todo o valle do rio Paraná e seus afluentes.

As duas raças indigenas—*Tupi* e *Gês*—encontravam no Paraná representantes, havendo, porem, predominio da 1ª raça, que era conquistadora, enquanto a outra era originaria do Brazil.

Não se pode dizer com precisão qual a época do descobrimento de Parana guá pelos navegantes portuguezes. Não será, porem, inverosimil que Americo Vespuccio tenha em uma das suas expedições que primeiro exploraram o Brazil até o Rio da Prata, conseguido penetrar nas agoas paranaenses que formam a bahia de Parana guá. Em 1502 ou 1503 teria sido então descoberto o nosso territorio pela expedição pilotada pelo celebre cosmographo italiano.

A denominação de terras de S. Anna, dada á costa maritima do Paraná, fornece-me razoavel conjectura para fixar no dia 26 de Julho o seu descobrimento, tendo-se em vista o uso de applicar-se aos paizes descobertos os nomes dos santos do dia. Baseado neste raciocinio, so restará provar que á armada commandada por Christovam Jacques em 1503 ou á de Martim Affonso de Souza em 1531 se deve o facto da descoberta e da denominação.

A fascinação do ouro, a sede de riqueza que enchiam de alento e de coragem os colonisadores europeos, muito contribuiam para que se fosse em dilatando ás conquistas. A casual descoberta de Cabral, sob o venturoso reinado de D. Manoel—vinha abrir novos cam-

pos de acção onde podessem se medir a ambição do ouro com a ambição da gloria.

Expedições foram aparelhadas para garantir a posse de Vera-Cruz e entre ellas salienta-se a commandada por Martim Affonso, em 1530, que alem do objectivo de explorar as nossas costas, trazia em vista o estabelecimento de uma colonia no novo paiz. O notavel navegador portuguez, com tino fora do commum, bem soube des-empenhar-se da sua missão e alem de explorar as nossas costas até o Rio da Prata, fundou a villa de S. Vicente, séde de onde irradiou-se toda a nova civilisação na zona sul do Brazil.

D. João III recompensando os serviços de tão leal e prestimoso vassallo, doou-lhe vasta extenção de terra descoberta e outra porção menor ao seo irmão Pero Lopes de Souza. Estes territorios ficaram constituindo as capitancias de S. Vicente e de S. Amaro.

O Paraná—então parte das terras de S. Anna, pertencia á 2.^a capitania, que tendo sido creada a 1.^o de Setembro de 1534, teve o infortunio de perder seo donatario em 1539, quando regressava da Azia.

A Capitania de S. Amaro, dividida em tres zonas distantes umas das outras : as 30 legoas da zona de Itamaracá, em Pernambuco, as 10 legoas de S. Amaro, encravadas no territorio de S. Vicente e as 40 legoas do sul de Cananéa, conhecidas por terras de S. Anna, não teve a fortuna de ser encaminhada, por uma administração proveitosa, ao gráo de prosperidade que, desde logo, alcançou S. Vicente.

Desde o estabelecimento da séde da capitania por Gonçalo Affonso, até ella, em virtude do alvará de 22 de Outubro de 1709, reverter ao dominio da coroa em 19 de Setembro de 1711, teve de lutar com uma serie de obstaculos que se oppunham ao seo natural desenvolvimento, sendo delles o principal a demanda entre os herdeiros de D. Izabel de Lima, neta de Pero Lopes e donataria da Capitania.

O territorio paranaense recebeu os primeiros contingentes de homens civilizados da antiga villa de Cananéa, berço da civilização do nosso Estado.

Segundo alguns historiadores, Gonçalo Coelho, na viagem em exploração da costa do Brazil, realizada em 1501, deixou degredado nas costas de Cananéa um bacharel portuguez, de nome Diogo Peres, que conseguiu a amisade dos indios carijós, dominadores do paiz.

Mais tarde um naufragio veio proporcionar-lhe companheiro. Um navio hespanhol que se dirigia para o Rio da Prata sossobrou na altura de Cananéa e os tripolantes salvos ahi obtiveram benevolo acolhimento.

Quando em 1531 Martim Affonso de Souza aportou a Cananéa (1 ou 12 de Agosto) enviando á terra Pero Annes para conhecer a lingoa do gentio, teve a ventura de ver o seo enviado voltar acompanhado de Peres e do castelhano Francisco Chaves, que lhe informa-

ram das grandes riquezas mineraes que havia naquelles reconcavos. A insistente pedido, por ambos feito, deixou Martim Affonso em terra 80 homens, (40 besteiros e 40 espingardeiros) sob o commando de Pero Lobo para explorarem as afamadas minas, dentro do prazo de 10 mezes.

Esta expedição infeliz servio de banquete aos indios carijós e só em 1533 teve Martim Affonso noticia desse triste successo. Tendo de partir para Europa, não poudo Martim Affonso desaggravar-se, pessoalmente, do insulto, mas para não deixal-o sem castigo enviou para Cananéa os capitães Pero de Góes (1º donatario da Parahiba do Sul) e Ruy Pinto, com forças sufficientes para a desaffronta.

No periodo de 1550 a 1560 alguns moradores de Cananéa, atraídos pelas riquezas da zona do meio-dia, se animaram a abandonar as suas casas, e embarcados em pequenas pirogas, foram costeando as praias de Ararapira e Superagui até conseguir varar a barra de Paranaguá e estabelecer-se na encosta da Cotinga fronteira á ilha Raza.

Cananéa tinha então augmentado a população não só com os filhos dos 1ºs povoadores, como tambem com novos moradores que de S. Vicente provinham.

A constante permuta que os indios do sul mantinham com Cananéa, levando alem dos productos da lavoura, ouro e prata, fez despertar a cobiça dos colonos cananeenses que presentiram as riquezas occultas no solo inexplorado das terras de S. Anna.

Inspirados por este irresistivel impulso que presidio e dominou o espirito da éra das conquistas, os poucos numerosos cananeenses que habitaram a Cotinga, não temeram as aggressões dos Carijós de Paranaguá, que em grande numero, povoavam as margens da sua poetica bahia, e se tendo conduzido com habilidade conseguiram a sua alliança. Tranquillos e confiantes na boa harmonia existente com os Carijós, mudaram a séde da povoação da estrategica posição na Cotinga para a pouco deffensivel planicie, á margem do Itiberê, onde se acha a progressista cidade de Paranaguá. Explorando todos os reconcavos da bahia e os numerosos rios que lhe são tributarios, já em 1555 os nossos primeiros povoadores eram encontrados por um navio da expedição de Senabrio que arribou em Superagui, conforme narra Hans-Stade.

Entre os 17 *pioniers* da civilização (segundo R. Martins) que aportaram á Cotinga se achavam Manoel de Lemos Conde, João Velloso de Miranda, João Domes Adorno, fidalgo genovez e a estes que os documentos legaram-nos os nomes e aos seus anonymos companheiros, é justo que hoje a alma paranaense lhe tribute um culto de homenagem e reconhecimento.

As minas de Paranaguá, foram as primeiras que alem do Atlantico demonstraram a riqueza mineral de Vera-Cruz; era tradição antiga, hoje já documentada, que o 1º ouro remettido para a Metropole foi extrahido das nossas minas. Exploradas muito antes de 1578, as minas de Paranaguá tinham a seo dispor companhias de indios que

se incumbiam dos serviços da mineração, sob as ordens immediatas dos Provedores e mediatas dos superintendentes.

A larga compensação que os serviços mineiros produziam, foram attrahindo para o nosso littoral grande corrente de população e bem assim as vistas dos publicos poderes. Em 1578, Salvador Correia de Sá e Benevides, o velho—governador do Rio de Janeiro, era nomeado Superintendente de nossas minas e em 1543 D. Francisco de Souza—o mallogrado Marquez das Minas, teve a seo cargo a descoberta e administração das minas do Brazil.

A população paranaense, sempre em augmento, luctava com a seria difficuldade de ter em Cananéa, que foi erecta em villa em 1587, todas as autoridades que deviam conceder-lhe justiça. Em 1643 os habitantes de Paranaguá requereram a sua emancipação e em 1645 o governador do Rio de Janeiro Duarte Correia Vasques Aennes concedeo a permissão de inaugurar-se o pelourinho, o que teve logar no dia 6 de Janeiro de 1646.

Só 2 annos depois (1648) por foral de D. João IV, foi Paranaguá erecta em villa pelo Dr. Syndicante Manoel Pereira Franco, tendo o capitão Gabriel de Lara, seo povoador, impetrado de S. Magestade aquella mercê.

Erecta a villa, graças aos esforços do nobre hespanhol Gabriel de Lara, se tratou de preencher os cargos da governação, para o que aquelle servidor do Paraná, em 20 de Dezembro de 1648, convocou os republicanos para a eleição dos 1.^{os} Juizes ordinarios e vereadores.

Tendo o Marquez de Cascaes, donatario de S. Amaro, conseguido apossar-se de S. Vicente, D. Diogo de Faro e Souza, herdeiro de Martin Affonso, creou a villa de Itanhaem como cabeça da Capitania. Diogo Vaz Escobar, seo loco-tenente, no character de Capitão-mór da capitania de S. Vicente, tomou posse de Paranaguá em 1653, aos 16 de Dezembro, e aproveitou dos serviços de Gabriel de Lara nomeando seo Capitão-mór e Ouvidor. O Marquez de Cascaes querendo repellir o Conde da Ilha do Principe, donatario de Itanhaem, na pretensão desta Capitania sob Paranaguá, nomeou por sua vez a Gabriel de Lara seo loco-tenente e creou a capitania de Pararaguá em 1656, fazendo-o, seo Capitão-mór e Ouvidor. Nutria o Marquez a esperança de que tendo a seo partido o fundador de Paranaguá, podia contar com as sympathias de todo o povo.

Tendo Gabriel de Lara acceito a procuração do Marquez, o Conde da Ilha do Principe fel-o substituir nos cargos de Capitão-mór e Ouvidor por Simão Dias de Moura, que a 20 de Fevereiro delles tomou posse.

Gabriel de Lara só conseguiu ser reconhecido em 1660 pela Camara de Paranaguá, que foi incorporada á sua residencia dar posse da terra ao Marquez de Cascaes.

Heliodoro Ebano (conhecido mais vulgarmente por Theodoro Ebano Pereira) filho do notavel poeta allemão Helio Eobano Hesus e antigo administrador dos engenhos de assucar do nobre ge-

novez José de Adorno, em S. Vicente, tendo-se distinguido na expulsão dos francezes, foi recompensado com o posto de Capitão de canoas de guerra dos mares do sul e bem assim mais tarde com o de administrador e descobridor de minas. Em 1649, Heliodoro communicou a Lara a nomeação do ultimo cargo (Administrador das minas de Paranaguá) pelo Governador do Rio, Salvador Correia de Sá e Benevides.

A povoação de Coritiba, segundo conta antiga tradição, teve origem na ultima metade do seculo XVI ou no principio do seculo XVII.

O paulista F. Soares do Valle, tendo-se indisposto com o governador de S. Paulo, para evitar os actos de prepotencia e vigância dessa autoridade absoluta, internou-se no sertão do sul e depois de penosa travessia conseguiu chegar aos Campos Geraes e finalmente aos Campos de Coritiba. Passado algum tempo soube Soares da existencia do pequeno nucleo de população, que surgira em Paranaguá e, descendo a serra, dirigio-se a essa localidade, de onde escreveu para S. Paulo, ao sogro, pedindo que trouxesse para os campos que descobrira, a sua familia.

A familia Soares veio juntar-se ao seo chefe e na passagem de Cananéa, relatando a descoberta dos campos de Coritiba, obteve campanheiros voluntarios para a viagem. Lourenço Rodrigues de Andrade, com sua familia e em companhia de seo genro Fulano Seixas, deixaram o morro dos Andrades, em Cananéa, onde residiam e acompanharam a familia Soares.

Nos campos de Coritiba, logo apoz a chegada, estabeleceram-se á margem do Atuba, no logar depois conhecido por Villinha, e só mais tarde, quando a população foi-se tornando mais densa, mudaram a séde do povoado para a planicie onde se levanta a Capital paranaense, localidade designada pelo cacique dos indios de Tindiquera

Em 1654 Heliodoro Eobano, capitão de canoas de guerra da costa sul do Brazil e administrador e descobridor das minas da mesma região, depois de haver fundado a villa de Iguape se dirigio aos campos de Coritiba, e, segundo alguns historiadores, fundou a villa (*) de Coritiba.

Esteve ainda Coritiba sem foros de municipio até o anno de 1693. Nesta epoca, com o consentimento do Capitão-mór, o povo de Coritiba acclamou as autoridades administrativas e judicarias que deviam reger os seus destinos. O ardente desejo de emancipação que dominava os Coritibanos, fel-os, sem aguardar o foral de S. Magestade, eleger a administração local.

Emquanto os portuguezes colonizavam a parte oriental do nosso territorio, subditos de SS. MM. Catholicas louvavam o pavilhão

(*) Parece-nos mais provavel que Heleodoro Eobano tivesse fundado a freguezia ou cirato de Coritiba, pois o povoado já era anterior a 1654 e a villa só foi erecta em 1693.

castelhano no occidente do Paraná. Em 1540 Alvar Nunez Cabeza de Vaca se dirigio para o Rio da Prata e começou a explorar as regiões banhadas pelo caudaloso Paraná.

Attrahido pelo argenteo metal que legou o nome á vizinha republica e a seo famoso estuario, as suas explorações se dirigiram até á margem esquerda do Paraná.

Martinez Irala, *adiantado* de Assumpção, encarregou o Capitão Rodrigues de Vergara de fundar uma redução no sertão paranaense e então erigio-se Outiveros. Porem como os povoadores desta redução eram adversos ao *Adiantado* e partidarios de Diogo de Abreo, contra aquelle abriram lucta do que resultou a ruina da nascente povoação.

No 2.º *adiantado* de Martinez Irala, com intuito de repellir os tupis e os portuguezes, em 1550 mandou fundar a Ciudad-Real, na confluencia do rio Piquiri no Paraná.

Irala a tudo promovia e sempre activo, procurou curar dos interesses da nova colonia com paternaes carinhos.

Em 1557 Ontiveros já se achava abandonada e a sua população Ruy Dias Malgarejo fazia dividir entre os seus 60 soldados a titulo de *commendas*.

Malgarejo que havia fundado a Ciudad-Real del Guaira, por ordem de Irala, foi encarregado de governal-a com plenos poderes.

Absoluto no seo mando, oppressor e violento, provocou varias sublevações dos indios, mas, amigo do *adiantado*, sempre teve recursos para submettel-os.

Em 1561 os indios guaranis, cançados de supportar a oppressão do governo despotico de Malgarejo, se levantaram em massa e para de novo submettel-os o *adiantado* de Assumpção, Ortiz de Vergara, á frente de 4.000 indios alliados, 500 hespanhóes e uma possante cavallaria dos Guaicurús, derrotou-os em decisivo combate.

Ruy Diaz Malgarejo adquirira com o regimen tyrannico que estabeleceo em Guaira, as sympathias dos hespanhoes, que aproveitavam seus serviços sempre que se tratava de reduções de indios e fundações de cidades. Em 1576, sob o *adiantado* de Guaira, teve a missão de erigir a Villa Rica. Esta povoação, temendo as aggressões dos paulistas, foi transferida para local mais distante da zona habitada pelos portuguezes e nem assim poudes preservar-se dos perigos que a ameaçavam.

Guaira prosperava : nas suas reduções e nas de Vera mais de 100.000 almas recebiam dos jesuitas licções e soccorros espirituaes, contribuindo, em troca, com o seo labor diario para a prosperidade da companhia de Jesus.

A lucta que desde annos os paulistas mantinham com aquella ordem religiosa e os ambiciosos desejos que nutriam de escravisar os cathecumenos da Guaira, inspirou-lhes a empreza de conquistar aquella prospera provincia. Reconhecendo a importancia do inimigo que iam enfrentar apparelhavam todos os elementos para tornar segura a victoria.

Antonio Raposo, á frente de 900 paulistas e de 2000 ou 4000 indios tupis, marchou para a conquista, retemperando esse instincto cruel de que era dotado e que tantas vezes demonstrou contra os indios. Em 1628 enfrentava, sorprehendia e trucidava os indios que o padre Simão Mazeta enviara, inermes, para informarem-se dos intentos que o conduziam a Guaira, e depois, resistindo ás supplicas d'aquelle sacerdote, que revestido de estola implorava a protecção dos invasores para o recém-convertido rebanho, mandou transportar para o captivoeiro os infelizes selvicolas.

Em 1631 a obra do anniquilamento e da crueldade estava terminada: Guaira era um deserto e conservava somente negras ruínas das suas outrora prosperas cidades.

Um brado de indignação soltou a Europa e o papa Urbano VIII, instado pelos jesuitas hespanhoes, mandou vigorar no Brazil a bulla de Paulo III que restituia a liberdade aos indios do Perú.

Facil será imaginar-se a opposição tenaz que encontraria essa providencia, tendo em vista que 30.000 indios de Guaira formavam parte respeitavel do patrimonio dos paulistas. Em Santos o punhal se oppõe á execução da bulla e em S. Paulo um ataque formal é dado ao collegio dos jesuitas, que foram expulsos da cidade.

Jazeram as ruínas de Guaira esquecidas até que, em 1771, o notavel sertanista Francisco Lopes da Silva, aos 12 de Março as descobriu.

Trabalho paciente de setenta annos, que grandes esforços consumio, ficou destruido pela descommedida ambição dos bandeirantes.

Procurando reduzir as já longas proporções desta noticia, iremos ligeiramente narrando os principaes acontecimentos que se desenvolveram no nosso Estado.

Não poderemos olvidar o governo de D. Luiz Antonio de Souza Botelho, governador e general de S. Paulo, que desejando ligar á posteridade o nome, procurou prestar assignalados serviços á Capitania. Enviando ao Paraná o tenente-coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, teve o occulto disignio de perpetuar todos os seus nomes legando-os a localidades do Estado.

Affonso Sampaio erigio, em 1771, á villa a povoação de Guaratuba com o titulo de Villa de S. Luiz de Guaratuba, em honra do governador de S. Paulo, depois fundou a freguezia de S. Antonio do Registro (Lapa) e explorou os rios Mourão e de D. Luiz, ligando a toda a sua empreza os nomes do general de S. Paulo!

Não conseguindo obter do povo de Paranaguá os recursos que fossem necessarios para a construcção de uma fortaleza, (S. Antonio tambem em honra de D. Luiz) que em 1760 foi inaugurada sob a invocação de N.S. dos Prazeres, ordenou D. Luiz de Souza Mourão que o Tenente Coronel Sampaio para castigo, ahí levantasse quatro bandeiras de cem homens para as explorações dos rios Iguassú e Tibagi.

Passemos a estudar a catechese, narrando os principaes factos que se deram na obra da civilização dos nossos selvagens.

Antes da criação do collegio dos Jesuitas de Paranaguá, pelo Alvará de 25 de Setembro de 1738, aos padres do Collegio de S. Paulo cabiam a missão da catechese. E' assim que, segundo lemos algures, o notavel padre Belchior das Pontes andou em serviços da civilização dos indios carijós de Paranaguá. Inaugurado o Collegio dessa então villa, a 24 de Setembro de 1741, a elle coube a alevantada incumbencia que Antonio Cruz, 1.º superior e Thomaz de Aquino tomaram a seu cargo.

A obra da catechese encontrou no Paraná esforçados operarios e releva notar entre elles o padre Chagas, em Guarapuava, Frei Thimoteo e Frei-Cemitile na zona do norte.

O padre Chagas conseguiu aldear e submeter varias tribus nos campos de Guarapuava, descobertos em 8 de Setembro de 1771 pela ala da expedição do Tenente-Coronel Affonso Sampaio, commandada pelo paulista Tenente Candido Xavier de Almeida e Souza, tendo por companheiros ao Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal e Capitão Antonio da Rocha Loures, tambem commandante de forças expedicionarias.

Frei-Thimoteo, o abnegado missionario do norte do Paraná, ha pouco desaparecido de entre os vivos prestou os mais relevantes serviços á civilização dos indios.

A catechese que se operou pacificamente quanto aos carijós da marinha e que forneceo ás minas de Paranaguá o braço necessario aos trabalhos da mineração, no centro luctou com a ferocidade de tribus não domesticaveis.

Os indios fizeram prosperas as minas, não só as de Paranaguá, como as de Antonina (Guarapirocaba) que se tendo povoado no seculo XVII, devido ao ouro da Faisqueira e outros logares, foi se tornando populosa. Antonina, teve como fundador o Capitão-Mór Manoel Valle Porto, que obteve em 11 de Setembro de 1714, licença para construir a capella á Nossa Senhora do Pilar, desde muito adorada pelos seus moradores, e em 6 de Novembro de 1797 conseguia a sua emancipação.

A conquista operada pelos emigrantes de Cananéa não teve, no inicio, de registrar as luctuosas scenas de crueldade e barbarismo que mais tarde caracterisavam a acção dos bandeirantes paulistas e que os nivelaram aos nossos selvícolas. Os primeiros povoadores do Paraná, fracos para enfrentar as hordas numerosas que os cercavam, procuravam obter a alliança dos indios e até praticaram actos de vassallagem, como se deu em relação ao cacique de Tindiquera na escolha do local onde devia ser erigida Coritiba.

Bellos tempos estes em que os livres filhos do Continente Colombiano não eram reduzidos a machinas de trabalho ou a pasto das bravias feras de nossas florestas. Mais tarde, em vez da alliança, o exterminio; em vez da amizade, o captiveiro!...

Vencia aos impulsos generosos do humanitarismo, a maxima hespanhola da conquista : Exterminar para colonisar!

E foi o braço forte dos indigenás que cooperou com os portuguezes na expulsão dos seus competidores europeos do solo do Cruzeiro ; foi com a poderosa collaboração gentilica que os francezes, os hollandezes e os hespanhoes viram-se forçados a desistir da posse de S. Cruz.

O concurso selvagem sempre acompanhava as obras dos colonos europeos e foi elle que conseguiu repellir os indios adversos aos portuguezes que palmo a palmo disputavam a posse do terreno.

Os heroes da catechese, não só sacerdotes como civis (Joaquim Lopes da Silva, Barão de Antonina e outros) bem merecem que em nome do elemento ethnico americano, que contribuiu para a formação da nossa nacionalidade, lhes rendamos um preito de homenagem.

O Paraná prosperava na zona da marinha e na dos campos, povoações se erigiam e o trabalho perseverante dos seus moradores garantia a obra do progresso.

Em 1822, quando o brado da Independencia da Patria echoou nas margens do Ipiranga, o Paraná apressou-se a acclamar o novo imperador e a 22 de Outubro do mesmo anno o fazia com mostras de grande jubilo.

A 15ª comarca de S. Paulo, creada pela Carta regia de 17 de Junho de 1723, que teve por cabeça Paranaguá, foi, á medida em que prosperava, creando a aspiração da autonomia. Em 6 de Julho de 1811 a Camara de Paranaguá representava a D. João VI pedindo a separação da 5ª comarca do governo de S. Paulo e a criação nella de outro governo.

A batalha da autonomia não cessava: Paula Gomes, Bento Vianna e Correia Junior, esforçados propagandistas da separação, não poupavam serviços á causa paranaense.

Em 1834, o governo pedia ás Camaras informações sobre a 1ª comarca e o ideal paranaense ganhava terreno. Francisco de Paula e Silva Gomes na imprensa, Bento Floriano Vianna na falha tentativa de separação em 15 de Julho de 1821 e Correia Junior na administração de Paranaguá e fora della, jamais ensarilharam as armas.

Em 29 de Agosto de 1853 o ideal paranaense conseguiu a desejada Victoria ; era creada a Provincia do Paraná e maõ grado os desejos de Paranaguá e Guarapuava, Curitiba que, pelo alvará de 19 de Fevereiro de 1812 foi elevada a cabeça de comarca, conservou a honra de Capital da nova provincia.

Em 19 de Dezembro de 1853 o Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos installava a Provincia do Paraná.

Passando rapida vista sobre as administrações da nova Provincia, não podemos deixar no olvido os illustres presidentes : Zacarias de Góes e Vasconcellos, General Beaurepaire Rohan, Dr. Lamenha Lins e Visconde de Taunay, que tão activa parte tomaram no desenvolvimento do Paraná.

Terminando, queremos cultear nas aras da patria paranaense, toda a nossa homenagem pelos seus benemeritos servidores: Gabriel de Lara, Heleodoro Eobano, Raphael Pires Pardiniho, Joaquim Lopes da Silva, Barão de Antonina, Nestor Borba, Diogo Pinto Portugal, Rocha Loures, Mauricio Faivre, Padre Chagas, Frei Thimoteo, Dr. Rebouças, Tourinho, Muricy, Leocadio Correia, Viscondes de Nacar e de Guarapuava, Barões do Tibagy e Serro Azul, Dr. Manoel Euphrasio, Antonio Vieira dos Santos, os heroes do Cormorant e tantos outros prestimosos brasileiros que relevantes serviços prestaram ao Estado.

*
*
*

Terminando este ligeiro escripto, apressada e desordenadamente, vimos solicitar desculpas por não o termos podido traçar com a perfeição que desejavamos. Elle só tem o merito da boa vontade que o presidio e será isto a nossa justificativa.

19 de Dezembro de 1903.

ERMELINO DE LEÃO.

ESTUDINHOS DE FRANCÊS

PELO CONEGO BRAGA

Palestras, etc. (Continuado do n. 6)

Pronúncia Francêsa

IV

Profes.—Parêce-me que vocês, minhas amigas, apreciarão sabêr dõnde vêm a palavra *acênto* (ou etimológicamente—*accênto* = *ad cantum*).

Estér.—E porquê não ?

Celmira.—Tenho visto collégas mui *estudiósas* e inteligentes que não góstam de explicações nem mêsmo de estudar as lições de aula...

Iracêma.—Carambólas por tabella... Infelizmente parêce que assim é.

Profes.—Eis como se exprime um excellênte grammático :

« Chamamos *accento tópico* ou *predominante* o tom mais frisante e relativamente mais ferino, com que pronunciamos sempre uma das syllabas de qualquer palavra.

A origem, que têm este nome, se encarrega de exprimir a sua idéa; pois, sendo uma palavra composta da preposição — *ad* — latina, que pela figura *Antithese* mudou a letra—*d* em *c*, e do verbo—*cano*—, que pela mesma figura mudou a letra—*a*—do supino em *e*, ficando por isso — *centum*, em logar de *cantum*, por virtude da junção das duas partes componentes d'este nome, verte-se a significação de—*elevação de canto*—a um ponto relativo ou preciso.»

Iracêma. — Onde foi a senhora descobrir on escavar essa novidade ?

Prof.—Daqui a pouco lhes direi.

« O sentido, que tem esta versão, é incontestavelmente applicavel á *intensidade*, que recae com mais peso sobre uma das syllabas de qualquer vocábulo, que pronunciamos, á qual damos por isso o nome de *predominante*.

Celmira.—Continúe, que estamos apreciando a explicação.

Sára.—Dê-me licença para lh'a ouvir, também.

Prof.—Com muito prazêr.

« Esta *intensidade* dá por isso á syllaba, sobre que recae, um accrescimo de sonoridade que sobrepuja á das demais de que a palavra se compõe; e assim a palavra—*accento* significa — *accrescimo de tom*.

Alaíde.—Como isto é claro! Quem será esse grammático que se exprime tão bêm?!

Iracêma.—Sem duvida é o Dr. João Ribeiro ou o Dr. Maciel...

— *Prof.*—Que curiosidade!

« O *accento predominante* tem tres modificações distinctas, significadas pelos tres signaes que o caracterizam; mas que ordinariamente ommittimos, porque o uso das linguas parece não reclamar-as precisamente.

« Esses signaes são: *accento agudo* (/), — *grave* (\), que também se chama *brando*, e o circumflexo (^), collocados no alto ou tópe das vogaes, cujos sons elles fazem frizar com a intensidade que lhes é relativa.

« A posição da syllaba *predominante* ou é achada na ultima, ou na *penultima* ou na *antepenultima* syllabas de cada palavra; como se vê nos seguintes exêmplos: — *Rapé* — *Catadúpa* — *Tubérculo* — *Enchó* — *Panorâma* — *Amálgama* — *Dobrez* — *Trabálho* — *Ergástulo* — *Sabiã* — *Sabia* — *Sábia* — *Polé* — *Tyrrenno* — *Cómoro*, etc.

Iracêma.—Bem mostra que aprendeu com D. Julia.

Profes.—Agóra vou satisfazêr a curiosidade, aliás mui louvável, da Iracêma irrequiêta.

Tudo isso se lê na *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* — Rio de Janeiro — 1888.»

Iracêma.—Ainda estou jejuando quanto ao autôr...

Profes.—«Composta e offerecida aos Brasileiros pelo Padre José Noronha Napoles Massa, natural da Bahia.

Profes.—Guardem em nóta o que lhes vou ditar e voltêmos a tratar das espécies de — *e*.

Quanto ao que chamam — *Figúras de Dicção* — os grammaticos: citar-lhes-ei a judiciosa ponderação de um illustre professôr paranaênse — A. L., que encára as modificações dos vocábulos como resultantes de leis a que obedecem as linguas em sua formação; e, portanto, nenhuma razão têm os grammáticos nem os seus *metaplasmos*....

Sára.—Foi pena que êsse grammático baião não fivesse dedicado essa grammática aos estrangeiros....

Iracêma.—Compreêdo a ironia; mas, si o lêrem acolá, nós o estâmos apreciando aqui.

Naïr. — E a nota ?

Profes. — Eil-a :

-- Nôte-se—digo eu agora—como apparecem variâtes de pronûncia em vernáculo sem que nisso haja êrro, em uns que séguem, segundo o douto Maciel, a corraente erudita, e outros a corrente popular : —assim— os 1.^{os} pronunciam—*hipódromo—velódromo—Oceânia—Eucharístia—Rúbrica*, etc, e os 2.^{os} — *hipodrômo,—velodrômo—Oceanía—Eucharistia—Rubrica*, etc.

Novo Dicc^o da Língua Portuguesa, e máxime no Supplemento, pelo erudito e autorizado Dr. Candido de Figueiredo.

Têmos ainda, do citado grammático P.^e Massa :

«O accênto *prosódico, tópico* ou *predominante* é uma modificação que recahe sobre a pronunciação do vocábulo em cõrpo, feita obstracção do valôr individual, por assim dizer, de cada uma das vozes, de que se compõe.

«E', pois, certo, diz Jeronymo Soares, que não só nas linguas grega e latina, como na portugueza «(acrescente-se — e na *francêsa*)» o occento das syllabas é cousa muito distincta da sua quantidade.»

Façámos pònto por hõje.

Eis uma máxime de Racine :

Qui veut voyager loin,
ki vêu voáijê lô-ên.
Quêr quér viajar ao longe,
ménage sa montuve
poupa á sua cavalgadura ;
mênaj' sá môntur'.

— Adagios—Devagar se vai ao longe. Apressa-te de vagar. De grão em grão a gallinha ênche o papo. Agua molle em pedra dura, tanto dá té que a fura.

(*Continúa*).

CONEGO BRAGA.

Quem foi o iniciador de Colombo ?

La lettre et la Carte de Toscanelli sur la route des Indes para l'ouest par Henry Vignaud, Paris, Leroux, 1901.

A historia de Colombo e do seo grande feito, apezar de longo, acurado e sabio trabalho critico começando ainda no primeiro terço do seculo passado por Washington Isving e Humboldt, e continuando com incansavel e segura sciencia, por Henri HARRISSE, o maior de todos os colombistas, por Avezac, por Fiske, por Lollis, por Markham, por Peschel, por Ruge, por Wagner, por Uzielli e outros, não alcançou ainda o grao de exactidão necessaria. Ha nella ainda lacunas consideraveis, falhas lendas, factos que se não explicam bem, pontos duvidosos. O progresso, entretanto, mesmo sobre os trabalhos de Humboldt, é grande. Assim o mais recente historiador de Colombo, o sr. Henry Vignaud, um dos mais distinctos americanistas contemporaneos o autor do livro que vou noticiar, pode dizer com segurança que já hoje «ninguem crê mais que Colombo nasceu em 1436, que era de familia fidalga, que tinha almirantes na sua parentella, que estudou na universidade de Pavia e que fez campanha com

o rei Renato» podendo-se adeantando mais, «mostrar que elle nasceo não de 1446 a 1451, mas exactamente em 1451, que não chegou a Portugal sinão no fim do anno de 1476, ou no começo do de 1477, que navegou muito pouco, e que nunca fez offertas á Genova, á Veneza, á Inglaterra ou á França».

Estas rectificações, por importantes que sejam, reconhece-o expressamente o sr. Vignaud nada alteram de essencial a historia não já da descoberta da America, mas das causas que a determinaram. Ora é inutil querer que o homem se contente da saber como as cousas se passaram; elle buscará sempre conhecer os motivos por que ellas se realizaram, as suas razões determinantes. Um dos empenhos da moderna critica historica, applicada ao descobrimento da America, foi justamente assentar se esse facto foi devido a «uma busca determinada por previsões scientificas, provadas, fundadas pela experiencia» ou se são outras as origens desse achado, que é, a certos respeito, o facto mais consideravel da historia, a revelação de uma metade ignorada do mundo.

A idea geral, a idea corrente é que o feliz genovez—o qualificativo é do sr. Vignaud—«sómente ás suas meditações e estudos deve a condição que elle acharia a Asia a Oeste e que a ella chegaria com certeza». Já em 1875, o sr. Luciano Cordeiro, em uma erudita memoria apresentada ao Congresso dos americanistas, reunido em Nancy, reivindicava a parte dos portuguezes do descobrimento da America, e mostrava com provas numerosas e irrecusaveis o que Colombo devia ás navegações e á sciencia nautica dos portuguezes e a essa atmospheria de empresas maritimas e aventuras nauticas em que viveo em Portugal. Novos estudos vieram confirmar a legitimidade da reivindicação de Luciano Cordeiro, que trabalhos anteriores, como os do visconde de Santarem, e do nosso Varnhagen e outros que os precederam. O descobrimento da America, qualquer que seja a sua magnitude, não é senão um episodio natural, fatal, ao cyclo das navegações portuguezas começando no seculo XV. Mas Colombo apenas recebeu dellas o estímulo e o impulso, que o levou á força de estudo a se fazer uma convicção, que possamos chamar scientifica, de que navegando para Oéste chegaria mais facilmente ás Indias—expressão vaga que no tempo significava todo o Oriente Asiatico—do que pela via da costa d'África, ou não teve de facto outro incentivo e outro fundamento para o seo proposito que a já conhecida concepção desse caminho de Oéste, reforçada por noticias, informações particulares que colhera no seo convívio com marítimos e navegadores portuguezes, e feoundada pelas suas meditações, que teriam tomado o feitio de uma idéa fixa? Não sei o que o leitor pensará destes problemas de erudição e sobretudo de psychologia historica; eu, por mim, acho-os interessantissimos, sem ter aliás a pretenção de resolver o presente nem algum outro.

Quasi a totalidade dos historiadores de Colombo acceitam aquella primeira noção. Justificam-n'a assegurando que já pelos annos de 1470 Christovão Colombo pensava num projecto de viagem ás Indias por Oéste, tanto assim que numa data que segundo elles oscilla entre 1479 e 1481 elle se dirigira ao sabio mathematico e cosmographo florentino, Paulo Toscanelli, communicando-lhe o seu projecto e pedindo-lhe o seu aviso. O sabio italiano, um dos mais reputados do seu tempo, respondeu-lhe acoroçoando-o a realizar o seo intento. Para o confirmar nelle, enviara-lhe cópia da epistola que em 1474 dirigira a um valido de el-rei de Portugal, d. Affonso V, um certo conego Fernão Martins, que a pedido do seo rei lhe escrevera sobre a possibilidade daquella navegação ás Indias por Oéste e cópia tambem da carta nautica ou roteiro provavel da viagem de Lisboa ao Cipangu ou Catay—o Japão e a China, segundo as denominações de então, generalizadas por Marco Polo. Dessas communicações de Toscanelli com o conego portuguez ouvira falar Colombo, ou vagamente tivera noticia, o que o levára a entrar em relações com o sabedor seo patricio, quando se lhe antolhara preferivel como caminho para as Indias a róta de Oéste.

Até agora ninguem duvidára desta versão da epistola e da carta de Toscanelli. Até 1871 não foi a epistola conhecida senão por duas versões, uma hespanhola e outra italiana, publicadas ainda no seculo XVI por contemporaneos de Colombo. Da carta não se conhecem senão referencias e noticias e foi por estas e pela epistola que ella acompanhou, e pelo diario de bordo de Colombo que eruditos modernos lhe fizeram uma restauração conjectural. Naquelle anno o grande Colombista HARRISSE descobriu na Bibliotheca Colombiana de Sevilha um exemplar da edição de 1477 da *Historia Pe-*

rum ubique Gestarum do ao depois papa Pio II, que pertencera a Colombo, numa de cujas folhas de guarda estava transcripta uma epistola em latim, na qual reconheceo a famosissima de Toscanelli. Tendo-se geralmente aceitado que esta transcripção fora feita por mão do proprio Colombo, mais fortificou este achado aquella versão e o conceito de que a empreza de Colombo era o resultado de um proposito feito no estudo e na reflexão, de um plano maduramente concebido, que ella apoiava.

O primeiro que duvidou da authenticidade da epistola, e, portanto, da carta, de Toscanelli, foi o americanista hespanhol sr. G. de La Rosa, que no ullimo congresso dos americanistas affirmou ser ella apocrypha. Antes d'elle, um jesuita hespanhol e um erudito portuguez do seculo XVIII, Barros e Vasconcellos, apenas chamaram a attenção para algumas asserções extraordinarias da epistola. Estudando as viagens do Atlantico, lendarias ou veridicas, que precederam e prepararam o descobrimento do caminho das Indias e o da America, o sr. Henry Vignaud, primeiro secretario da embaixada dos Estados Unidos em França e vice-presidente da Sociedade dos Americanistas de Paris, chegou ao mesmo tempo por sua parte á convicção que esses documentos não eram authenticos, e sobre isso escreveu o presente ivro, que apesar de sua especialidade erudita mereceo noticia da imprensa diaria europeá. Não sei dizer o que os competentes no assumpto dirão d'elle, e que acolhimento farão á ousada these que sustenta. O livro me pareceo a mim, independentemente do merito da sua theoria, muito interessante, de uma leitura facil e aprazivel, e rico de informações sobre o descobrimento do Novo-Mundo e questões connexas. Se me fosse licito, sem petulancia, pronunciar-me num assumpto que exige preparo especial, e original, e severo, eu diria que o sr. Vignaud, parecendo-me convincente na sua demonstração da inauthenticidade da epistola de Toscanelli, não me satisfaz no que respeita aos motivos e ao autor da invenção dessa epistola e das relações do sabio florentino com o navegador genovez. — Este é, ao meo desautorizado parecer, o ponto fraco do seo arrazoado, que o primeiro, — das razões por que a epistola de Toscanelli lhe parece apocrypha, — se me affigurou bastante consistente.

A crença na sua authenticidade, baseia-se na affirmação de Las Casas, que, na sua *Historia*, escripta de 1527-59, referio-se á correspondencia de Toscanelli com Colombo e transcreveo aquella epistola; em igual affirmação, quasi com certeza simplesmente reproduzida de Las Casas, e acompanhada da versão italiana, mesma epistola, no livro publicado na Italia em 1571, e attribuido ao filho de Colombo, Fernando; na existencia de uma copia desse mesmo documento, na sua lingua original, o latim, transcripta na folha de um llvro que foi de Colombo, por uma lettra que parece deste; o facto do duque Hercules d'Este ter indagado, em 1494, das relações que Toscanelli poderia ter tido com Colombo, o facto de que as idéas, cosmographicas da epistola ao conego Martins são as mesmas expressas por Colombo, nos seus escriptos.

A estas razões oppõe, com longos e sabios desenvolvimentos, numa analyse miuda e muitas vezes penetrante o Sr. Vignaud, as seguintes :

Que as peças originaes, quer as enviadas ao conego portuguez, quer as remetidas a Colombo (e a este, além das copias daquellas ha dous bilhetes ou pequenas epistolas de Toscanelli) ou seus rascunhos, não existem e ninguem jámais as vio; que o primeiro correspondente de Toscanelli, o supposto conego Fernão Martins, conselheiro intimo de Affonso V, é completamente desconhecido, e nenhuma investigação pode descobrir a sua identidade; que Toscanelli é desconhecido tambem de todos os portuguezes do tempo, não sendo o seo nome mencionado por nenhum documento portuguez da época; o projecto de travessia transatlantica que a epistola a Martins suppõe, é tão desconhecido em Portugal naquelle momento como os proprios Martins e Toscanelli, não ha allusão a isso em nenhum autor portuguez ou documento contemporaneo que os autores italianos coevos, na maior parte amigos de Toscanelli, ou seus concidadãos em Florença ignoram, como tambem os portuguezes, a correspondencia que elle teria tido com Martins ou com Colombo, não sabendo nenhum delles que elle se occupára do caminho das Indias, tendo entretanto muitos delles escripto obras onde uma menção deste genero teria logar e não se achando tambem nenhuma linha relativa a este projecto nos papeis de Toscanelli; que Colombo, que era muito expansivo, que annotava cuidadosamente todas as indicações referentes ás tentativas de descobertas a Oeste e á existencia de terras novas nesta direcção, jámais fez a mais vaga allusão a Toscanelli ou a epistolas e carta que delle houvesse recebido, parecendo mesmo ignorar que houvesse em Florença um astrónomo deste nome; que o texto latino da copia da epistola de Toscanelli,

dado como o texto original, é escripto em muito ruim latim, e Toscanelli era um excellent e escriptor latino; que Las Casas, o primeiro a falar desta correspondencia e a transcrevel-a, apenas conheceu uma traducção hespanhola, e não diz nem como soube das relações de Toscanelli com Martins e com Colombo, nem quem lhe communicou essa correspondencia, se bem deixe suppor que a tenha da propria familia deste; que tambem o autor das *Historias* attribuidas a Fernando Colombo, que transcreve essas peças, não lhes diz a origem, havendo razões de suppor que as traduzio da versão hespanhola de Las Casas.

Além destas razões, que não parecem especiosas, outras ha tiradas de factos historicos conhecidos e do contexto desses mesmos documentos e de escriptos (diarios de navegação e cartas) de Colombo, e de quanto d'elle e da sua cultura se sabe que, segundo, o Sr. Vignaud, mais nam de falsa essa correspondencia. E eu não sei se o critico americano não é o primeiro a pôr em evidencia certos factos e circumstancias historicas interessantes em que apcia a sua discussão. Affirma elle, por exemplo que «em 1474, data da peça principal desta correspondencia, a epistola a Martins, não surgira ainda a questão do caminho das Indias, de que elle trata. Os portuguezes não pensavam então senão na India do preste João (a Abyssinia). Só sob D. João II, depois de 1481, começaram elles a preoccupar-se do caminho das Indias». Tambem a «questão do commercio das especiarias do Oriente de que fala egualmente a epistola, não existia em 1474 para os portuguezes, que nesta epoca nenhum interesse tinham em ir ás Indias, o que só os occupou depois da sua descoberta das costas occidentaes da Africa Austral, que creou e desenvolveo novos interesses commerciaes». Naquelle anno el-rei D. Affonso andava empenhadissimo em emprezas politicas em Castella, cuja coroa reivindicava, nem elle se preocupou jamais de descobrimentos maritimos, que só com seo successor D. João II retomaram o seo vigor. «E se, o que não é possivel, houvesse tido alguma idea desse genero, não é verosimil que se dirigisse a um sabio que nunca sahio de Florença, para pedir-lhe indicações, que os portuguezes, então os primeiros navegadores do mundo, e os unicos que conhecessem o Atlantico, podiam melhor que ninguem dar». A epistola de Toscanelli funda-se em indicações geographicas tomadas do livro de Marco Polo e num systema cosmographico inteiramente tirado de um cosmographo do I seculo da era christã, Marinho de Tyro, através de Ptolomeo, por quem sómente conhecemos a doutrina deste astronomo. E' para extranhar que um mathematico como Toscanelli tenha adoptado o seo systema, demonstrado errado por Ptolomeo na exposição que d'elle faz. Maravilha tambem que o sabio florentino não tenha feito na sua epistola senão reproduzir as noticias, ainda as extravagantes, do livro de Marco Polo, velho de mais de seculo e meio, quando as havia mais frescas e ricas nas de Odorico de Perdonone, de Bartholomeo Florentino, de Nicolao de Conti e de outros, todas muito conhecidas em Florença. E na sua pretendida epistola, Toscanelli ainda se referia á China do seculo XV como á China do seculo XIII de Marco Polo, quando a organização e as denominações chinezas já eram outras, como egualmente se sabia na Europa. Poder-se-ia ainda extranhar, e não o fez o Sr. Vignaud, que Toscanelli, um homem de posição e de côrte, accudisse tão pressuroso á solicitação de um obscuro sujeito, como então era inteiramente Colombo, communicando-lhe peças endereçadas a um rei, embora por intermedio de um seo serviçal, e a pedido desse rei.

A carta maritima que servio de roteiro á primeira viagem de Colombo não provinha tambem de Toscanelli. As razões criticas em que se baseia o Sr. Vignaud para o sustentarem são de caracter demasiado tecnico e especial para serem resumidas aqui. Mas depois de indagar, com os mais competentes sabedores no assumpto, qual a natureza e projecção dessa carta, de expor o que se sabe da sciencia e dos trabalhos astronomicos e geographicos de Toscanelli, de observações sobre as feições da carta, as suas medidas, a concepção geographica que traduzia, elle chega á conclusão de que ella nada poderia ensinar aos portuguezes, e que a carta de que Colombo se servio como de roteiro não podia ser de Toscanelli, apezar da affirmação positiva de Las Casas não confirmada aliás por Colombo, que portanto fala dessa carta-roteiro, como sua d'elle Colombo.

Mas, como explicar esta falsificação, a invenção destes documentos, se elles, como quer o Sr. Vignaud, são falsos? Aqui é que as suas razões me parecem consideravelmente mais fracas que aquellas porque contesta a sua authenticidade. Não tenho espaço senão para as resumir ainda mais brevemente. Logo após o descobrimento da America, espalhou-se o boato, entre os proprios companheiros do descobridor, que o que o

determinara a essa empreza foram as informações positivas de um piloto que, tendo vindo por acaso ás Antilhas de volta fôra recebido e agasalhado por Colombo, a quem communicara o seo achado, e sob cujas indicações o genovez traçára uma carta da viagem feita. Voltando a uma hypothese já abandonada, discutindo-a de novo, e mostrando o que ha evidentemente nella de verosimil, o Sr. Vignaud acredita que a carta-roteiro de Colombo não era senão esta. Para refutar essa versão do piloto portuguez seria que Bartholomeo Colombo, irmão do almirante, teria, segundo conjecturas — com fracas razões, penso — o erudito americanista inventado toda esta historia da epistola e da carta de Toscanelli e das releções do sabio florentino com o irmão.

Não ha negar e é a minha impressão final da leitura attenta do livro interessante e bem informado do Sr. Vignaud — que, como elle diz, se é difficil provar a inauthenticidade destes documentos e da existencia de relações entre Colombo e Toscanelli não é menos difficil provar a authenticidade de uns, e a realidade de outras. «Se esta tarefa se nos mallograr, conclue elle, seremos forçados a reconhecer que a velha lenda do piloto que informou Colombo faz-se inteiramente verosimil e poderemos affirmar, sem incorrer nos desdens da critica séria, que o verdadeiro iniciador do descobrimento do Novo-Mundo poderia bem ter sido, não o celebre astrónomo cujo nome enche volumes e ao qual se ergueram monumentos, mas um pobre marinheiro, que morreo obscuro, sem sequer deixar o seo nome á posteridade.

Antes deste desconhecido piloto, antes do sabio florentino, ha, porém, um certo e verdadeiro iniciador de Colombo: são os portuguezes, de quem foi elle alumno, com quem aprendeo quanto sabia, até mesmo a existencia da epistola e da carta de Toscanelli, se uma e outra não são, como com razões algumas tão boas quer o Sr. Vignaud, apocryphas.

J. VERISSIMO.

O ensino da Musica

Ao querido primo e cunhado Alfredo Cercal

Divergiam os escriptores antigos a respeito da etymologia da palavra *musica*, julgando alguns que vinha do vocabulo *musas*, e outros que era o nome destas que derivava do da arte de Jubal; porém concordavam que «*Musiqui*» em grego antigamente significava «*studium humanitatis*» e «*numerationes numerarum*» porque não ha coisa que mais sympathize com a humanidade de costumes, que a modulação das vozes».

Era doutrina de Platão que na Musica se comprehendem todas as sciencias.

«Todas as artes—diz o illustre e eminente escriptor Visconde A. Feliciano de Castilho—«são manifestações diversas de um unico principio intimo, innato, espiritual, como a propria alma em que reside; este principio é o sentimento do Bello; sentimento sublime, em que os espiritos terrenos descreem, mas de que os homens superiores se sentem dominados».....

São palavras cheias de verdade estas que devemos á luminosa penna do insigne pedagogista e emérito pensador, e dignas dos applausos de todo espirito bem formado.

E' meo intento, ao referir-me á mais bella e emocionante das artes, suggerir á illustre Commissão directora da Liga do Ensino uma idéa que, util e importante, se me figura.

Pretende essa Commissão estudar a nossa legislação escolar com o fim de propôr ao Governo algumas alterações da mesma.

Pois bem : entre as sabias medidas que ella vae suggerir aos Poderes Constituidos do Estado, inclusa, a de fazer parte do curso primario o ensino de rudimentos de Musica, a exemplo do que se pratica em Allemanha e outros paizes cultos.

Está claro que o ensino desse ramo das bellas artes nas escolas publicas só se deve exigir dos professores que seguem o curso da Escola Normal, cujo programma comprehende tambem a referida arte.

Verdade é que a arte musical como a ensinam muitos, e como tambem m'a ensinaram outr'ora a mim, é de difficil aprendizagem para as crianças das escolas ; porem este inconveniente, devido á impericia pedagogica dos leccionadores, será facilmente removido pelo emprego de bons methodos pelos normalistas, que se iniciaram na sciencia da transmissão dos conhecimentos. Ensinada com methodo, é a arte musical accessivel ás intelligencias infantis ainda as mais defficientes.

Seria conveniente organizar-se, para uso dos alumnos, uma *Artinha* em que, adaptados á comprehensão da puericia, fossem compendiados com a maior clareza os principios que é licito ensinar-lhe.

E' intento dos preclaros e dignissimos paranaenses Sr. Dario Vellozo e Dr. Azevedo Macedo, dotar a nossa instrucção publica de obras didacticas organizadas de accordo com os preceitos da Pedagogia hodierna ; e dessas obras deve fazer parte um compendio destinado ao ensino da Musica.

A adopção da Musica nas escolas primarias, alem de outras diversas vantagens, produzirá a de suavizar as agruras do trabalho mental a que se entregam quotidianamente as crianças, durante cinco horas, esforço que debilita as suas energias, ainda embryonarias.

Se a arte das harmonias não se dirige, como querem muitos escriptores, á intelligencia propriamente dita, comtudo presta importantes serviços ao desenvolvimento esthetico e á sensibilidade moral : desperta o sentimento do bello e produz emoções, que são movimentos da alma que, devidamente aproveitados e dirigidos, podem tornar-se verdadeiros factores do bem.

Em apoio da minha idéa, que tambem mereceo o do illustrado e dignissimo presidente da Liga do Ensino, Sr. Dr. Azevedo Macedo, traslado para aqui as seguintes formosas e inspiradas palavras do já por mim citado philosopho Visconde de Castilho, no começo deste desadornado escripto ; eil-as :

«Poesia e Musica são uns bons adubos que se haviam de empregar muito mais a miudo, para estimulo de entendimentos preguiçosos e vontades indolentes.

«De Poesia e Musica muito se ajuda a civilização onde ha philosophia, como em terras de Allemanha». «Os antigos por instincto o adivinharam, quando metteram entre as licções de suas fabulas a

de Orpheu e de Amphião domando rudezas, amansando feras, e erigindo cidades de cem portas e immenso trato, ao som de suas lyras.»

Ahi ficam pois, coroados com um diadema de ouro purissimo, as rudes palavras que «com mãos limpas» faço chegar ao conhecimento da illustrada Directoria da Liga do Ensino.

Coritiba, 7 de Março de 1907.

VERISSIMO DE SOUZA.

A anesthesia na antiguidade

Os estudos acerca das origens do Christianismo estão hoje na ordem do dia, depois da apparição do bello romance *Quo Vadis*, de Sienkiewicz. As narrativas, que até nós vieram, a respeito da morte dos primeiros martyres, dizem-nos que elles não soffriam : pareciam não sentir os mais crueis tormentos, como se estivessem já desprendidos d'este mundo.

Os mais celebres pintores da Edade-Média e da Renascença inspiram-se destas tradições, ao representarem a historia dos martyres. Quentin Metzys, n'um trecho do famoso descendimento da cruz, conservado no museo de Antuerpia, pinta o martyrio de S. João Evangelista.

O santo foi mettido n'uma caldeira de azeite a ferver. Só os membros inferiores estão immersos no liquido ardente ; a cabeça e o busto emergem da caldeira. Dois meliantes de riso sardonico, de rosto alvar, dois typos criminosos natos, que Lombroso mais tarde devia descrever e classificar, espertam as chammas do braseiro. E o santo não parece sentir d'esse horrivel supplicio. Com o rosto em extase, não pensa senão no ceo.

Outro pintor, Thierry Stuerbout ou Bouts, de Bruxellas, 1391-1475, representa o martyrio de S. Sebastião. O desditoso, amarrado a uma arvore, é atravessado de settas. Não soffre, porém, as torturas desse cruel supplicio, e parece estar bem longe de tamanho horror.

Eis um problema medico, offerecido aqui aos homens da sciencia. Como obtinham os santos a anesthesia ?

Por meio de substancias estupefactivas, respondem uns. Muitas vezes, os condemnados eram obrigados a beber vinho, contendo certos pós suporiferos, principalmente a myrrha. Era vinho misturado com myrrha o que offereceram a Jesus Christo, expirando na cruz. No II seculo da nossa era, Apuleo cita um homem que se havia precavido contra a violencia dos golpes, tomando uma poção de myrrha.

A Edade-Media possuia drogas analgesicas. Pretende-se que certos accusados logravam d'esta arte escapar á dor das violentas torturas. N'uma epocha menos distante de nós, os hindús davam drogas estupefactivas ás viúvas que se faziam queimar na fogueira de seos maridos.

E' bem pouco provavel, no entanto, que os primeiros christãos tenham sido objecto de atenções e cuidados a tal ponto delicados e sollicitos. Alem de que, a historia não nol-os representa entorpecidos e somnolentos, mas serenos, calmos, em extase, ou cheios de confiança em Deos.

Eram *histericos*? Sabe-se que certos individuos immersos no somno hypnotico tornam-se insensiveis. Mas, n'este caso ainda, não se tratava de somno de nenhuma especie. Era a analgesia permanente, como a que se observa muitas vezes nos hystericos? Esta raro se generalisa a todo o corpo. Mas, emfim, esse facto pode dar-se muito bem. Simplesmente, em tal caso, a physionomia do paciente revela a inconsciencia, a indifferença. Seria esse o diagnostico a fazer acerca de S. Sebastião, desenhado por Stuerbout. O pintor inspirou-se aqui, por certo, nos hystericos que poudes ver indifferentes á dor physica. Mas Quentin Metzys respeitou melhor as tradições, pintando um S. João extactico, com os olhos fitos no ceo, e os braços na attitude da oração.

Uma idea fixa e intensa, uma concentração profunda da attenção podem produzir a analgesia. Sabe-se que o soldado, excitado pelo combate não sente as proprias feridas: está absorvido pela sua exaltação, mas, se esta se dessipa, e elle sente correr o sangue, perde os sentidos de repente. E' uma analgesia d'este genero a que apresentam os primeiros martyres. Pode dizer-se que não soffriam, porque a sua alma estava n'outra parte. E' a unica explicação de accordo com as narrativas historicas, porque estas apresentam-nos os martyres como exaltados e extacticos, e não como somnolentos ou indifferentes anesthesiados.

DOUTOR EIFER.

Epistolas pedagogicas

III

Ao Dr. Emiliano Pernetta.

Emiliano!

Fulge por toda parte a tua merecida fama de poeta insigne: teu nome honra esta epistola.

E pensar que um anno tivemos de bella camaradagem, em communhão de idéas na direcção de um jornal diario e que, alem de collegas na profissão de juristas, somos companheiros nas lides da educação da mocidade paranaense!... Disso me orgulho e muito. A ti, portanto, a minha 3.^a epistola.

*
.

Vou continuar as minhas considerações sobre as licções contidas nos schemas de DARIO VELLOZO, as quaes breve serão convertidas em preciosissimo compendio.

— «Pedagogia é a sciencia e a arte da educação», define COMPAYRÉ e com elle DARIO.

— Mas, devemos considerar uma sciencia a Pedagogia ?

Sob o ponto de vista doutrinario, não é sem importância essa questão.

Seja-me relevada a ousadia, mas estou inclinado a negar á Pedagogia esse character : parece-me que ella é uma arte e isto nada deprime o seu alto valor social incontestavel, nunca excedido por outra arte qualquer.

Para bem definir os termos da minha these, teria eu margem para larga dissertação que não cabe nos moldes singelos de uma epistola.

Para fundamentar o meu modo de ver (*meo*—digo mal, pois muitos escriptores assim pensam), tenho de referir-me á doutrina exposta pelo sabio STUART MILL, no ultimo capitulo do seu monumental «Systema de Logica Inductiva e Deductiva». Ahi, tratando da *Logica da Arte*, esse philosopho expõe factos, donde decorre a distincção entre a Sciencia e a Arte, estuda as relações entre as regras de uma arte e os theoremas da sciencia correspondente e qual o officio das regras de arte.

«As relações (diz elle) entre as regras de arte e as doutrinas da sciencia podem ser caracterizadas como segue. A Arte propõe-se attingir um fim, define-o e submete-o á Sciencia. Esta o recebe, considerando-o como um phenomeno, um effeito a estudar e, depois de ter investigado as suas causas e condições, reenvia-o á Arte com um theorema sobre a combinação de circumstancias que poderiam produzi-lo. A Arte examina, então, essa combinação de circumstancias e pronuncia que o fim póde ou não ser attingido»... (1)

Após nitidas demonstrações, conclue:

«E', pois, nos theoremas da Sciencia que acharemos os fundamentos de qualquer regra de arte. *Uma arte ou um systema de arte, compõe-se das regras e de todas as proposições theoricas que justificam essas regras. A arte completa de uma materia qualquer comprehende a parte especial da Sciencia necessaria para indicar as condições de que dependem os effeitos que a arte vae produzir. A Arte em geral compõe-se de verdades da Sciencia dispostas na ordem mais conveniente para a pratica e não na ordem mais conveniente para a theoria. A Sciencia agrupa e dispõe as verdades de maneira a nos fazer abranger em uma vista de conjunto a maior parte possível da ordem geral do universo. A Arte, embora deva admittir as mesmas leis geraes, não as segue senão nas consequencias de detalhe que conduzem a estabelecer regras de conducta ; e reúne das mais distantes partes do campo da Sciencia as verdades relativas á realização das condições diversas e heterogeneas que concorrem para cada um dos effeitos a produzir na ordem pratica».*

 (2)

(1) *Système de Logique Inductive et Deductive*, trad. par Louis Peisse (1896), vol. 2.º, pag. 551.

Em nota á pag. anterior, diz o autor : «E' quasi superfluo observar que ha um outro sentido da palavra Arte, o qual por assim dizer, denota a parte ou o lado poético das cousas, em opposição ao lado scientifico. No texto está empregada em seu sentido primitivo, que, creio, não cahio ainda em desuso».

(2) *Idem*, pag. 255.

Em bella synthese, o grande philosopho havia já, logo ás primeiras paginas de sua obra exposto a sua doutrina assim :

— «A Arte presuppõe necessariamente o conhecimento e, salvo no seo estado de infancia, o conhecimento scientifico ; e, se cada arte não traz o nome de uma sciencia é unicamente porque, muitas vezes, diversas sciencias são necessarias para estabelecer os principios fundamentaes de uma arte. As condições da pratica são tão complicadas que, para tornar uma cousa *factivel*, é, não raro, indispensavel *conhecer* a natureza e propriedade de um grande numero de outras». (3)

Appliquemos á Pedagogia essa doutrina e a conclusão logica será, creio, esta : — A *arte da educação* (Pedagogia) não traz o nome de uma sciencia, porque *diversas sciencias* (physiologia, psychologia, sociologia, moral) *estabelecem os principios fundamentaes dessa arte*. Não se fundam as regras (a arte) da educação physica em principios de physiologia, as da educação intellectual em principios de psychologia, as da educação moral, da civica e da esthetica, em principios de psychologia, de moral e de sociologia ?

— A negativa é impossivel.

Não alludi á historia, porque ella não é uma sciencia distincta por seo objecto : toda a sciencia e toda a arte tem sua historia.

Ao toque das doutrinas de AUGUSTO COMTE ainda mais se firma a convicção de que a Pedagogia não é uma sciencia. Um estudo da these sob esse ponto de vista, ser-me-ia agradavel, mas seria alongar sem necessidade esta epistola.

Em face do positivismo, a Pedagogia não é sciencia porque, está visto, não determina os phenomenos uns pelos outros, não coordena systematicamente os factos, não prevê : falta-lhe o *substractum* de que fala LITTRÉ ; é arte e, como tal, conjuncto de regras ou preceitos de conducta, fundados nas determinações, coordenações e previsões que constituem os principios das sciencias acima referidas.

Disse COMTE que «a educação é a primeira das artes, a unica inteiramente geral, a que aperfeiçoa a acção, melhorando o agente» ; a Pedagogia é essa mesma arte systematizada.

Com SPENCER, parece-me outra não é a conclusão. Mas... fiquemos aqui.

Estarei com a verdade ? Estarei em erro ? — Não tenho apêgo ao modo de ver aqui exposto, senão por amor á Doutrina que reputo verdadeira ; prompto estou a alijal-o, por amor á verdade, no momento mesmo em que me convencer de que errei.

Não aceite, embora, o DARIO, como procedentes estas ponderações, o seo livro não será menos a obra rutilante de um educacionista illustre, cheio de ardente amor pela causa de ensino popular : estará

(3) Idem, vol. 1.º, pag. 3.

elle na companhia de cientistas de nome que sustentam ser *sciencia e arte* a Pedagogia, em quanto eu sigo doutrina contraria sustentada por outros que a consideram simplesmente *uma arte*.

* *

—Lêste, Emiliano ? Esperavas mais fundo ? Esperavas mais fórma ?—Ora, adoes... Cada um dá o que tem, diz o rifão. Pois não é ?

F. R. AZEVEDO MACEDO.

A INSTRUÇÃO NA RUSSIA

Ao illustre paranaense Dr. Azevedo Macedo. Homenagem ás pulcherrimas virtudes do Amigo e aos talentos fulgurantes do Educador.

Devido ainda á recente guerra que teve por theatro o Extremo Oriente, a attenção do mundo tem-se volvido para as duas nações cujos exercitos mutuamente se esmagavam em horribilissimos recon-tros.

Esriptores illustres se tem occupado em estudar o Japão e a Russia, dando á publicidade obras importantes acerca dessas nações.

No intento de deparar aos leitores desta folha alguma cousa de interesse para o ensino publico, desejamos dar-lhes uma breve noticia da instrucção no Imperio onde o Tzar domina com uma soberania sem restricções, e humilhante, oppressiva e profundamente attentatoria dos diteitos e da dignidade do povo eslavo.

Lamentavel é a situação intellectual e moral da infeliz nação para a qual ainda não fulgio o sol bemdito da liberdade, que é o solido e estavel fundamento da verdadeira civilização. Apesar de estar situada no continente donde irradia para o mundo a luz astral das sciencias e das artes, é todavia a Russia um paiz immerso na escuridão da ignorancia, é um paiz cujos habitantes são governados com vara de ferro por um despota que sacrilegamente se intitula o Deos da Terra, e cuja prepotencia tem por base as trevas espirituaes em que jazem os seos subditos.

A Russia é um dos paizes do mundo onde existe maior numero de analphabetos :— a alta proporcionalidade de noventa e um por cento.

Essa enorme e desoladora porcentagem não tende a decrescer e sim a augmentar, pois o governo russo faz constantes esforços no sentido de ainda mais atrophiar a instrucção do povo.

Soberano orgulhoso e prepotente, bem comprehende o Tzar que começarão occaso do seo poderio absoluto logo que a luz gloriosa da instrucção penetrar no espirito dos seos compatriotas. O throno

do autocrata da Europa oriental firma-se na profunda ignorancia espirital da maior nação do mundo. E a um governo que assim se apoia no despotismo e na violencia, não convem que o povo se illumine, porque, esclarecido acerca dos seus sagrados direitos, elle se ergueria valoroso e altivo contra os que impunemente o opprimem e tyrannizam.

O ensino primario na Russia é quasi nullo. O numero de estabelecimentos de instrucção é deminutissimo para a enorme população de 135:000:000 de habitantes : existe uma escola para cada 219,3 individuos, suppondo-se que as escolas estivessem equitativamente disseminadas. Em 1896 havia em todo o paiz 62.000 escolas, numero este que não tem crescido notavelmente, pois como dissemos, o governo se esforça por conservar o povo nas trevas, obstando por todos os modos ao seu desenvolvimento intellectual.

O numero dos professores é 200:000, dos quaes 70.000 são funcionarios do Santo Synodo e portanto incumbidos não de instruir, mas de fanatizar, inoculando cada vez mais no espirito dos seus alumnos o virus dos prejuizos e superstições populares. Os estabelecimentos por elles dirigidos merecem o nome de verdadeiras calamidades publicas, qualificativo que um illustre pedagogista deo ás escolas más.

Nas localidades apartadas dos grandes centros de movimento e população, deve ser triste e dolorosa a impressão sentida pelos que se encontrarem deante de uma escola. O edificio é uma pobrissima cabana de colmo, onde, assentados no chão terreo estão os alumnos semi-nus ou rotos, defronte do mestre esqualido e faminto, que, vegetando no seio da sua miseria, depauperadas por muitos jejuns e vigílias as forças physicas e intellectivas, impossibilitado se acha de transmittir pedagogicamente o ensino, e recorre ao emprego de muros e pontapés.

Intelizes creanças para quem a escola não é o templo bendito da instrucção, mas uma penitenciaria sombria e torva ; e desditoso professor que, tangido da fome, teve por destino uma profissão cumulada de miserias e soffrimentos, e acabrunhado transcorre o caminho abrolhoso da vida, arrastando a cruz pesadissima do magisterio !

Para não morrer de fome, o professor primario da Russia tem de multiplicar a sua actividade empregando as debilitadas forças physicas no exercicio das accumuladas funções de bibliothecario, confe-rente, hortelão, gymnasta e curandeiro, auferindo uma remuneração parcissima por esse dispendio enorme de problematicas energias.

Ao quadro que, com as mais carregadas côres pintam diversos publicistas descrevendo a instrucção na Russia, contrapõem, muitos, á maneira de refutação, a existencia de bellos edificios, nas grandes cidades, onde funcçãoam escolas modelos, bem como a de museos e bibliothecas publicas ; porem ignoram talvez que taes estabelecimentos são destinados a illudir o mundo com uma simples apparencia de progresso.

Em 1885 apenas 20 % dos redditos publicos eram applicados ás despesas da instrucção, porcentagem esta que em 1897 *desceo* a 14 %!

Consequencia dessa incuria criminosa dos proceres da autocracia eslava : somente trese milhões de pessoas, em toda a Russia, sabem ler.

Na Siberia, que é muito menos cuidada do que a Russia Europeia, apenas 2 % da população frequentam as escolas, apesar de contribuirem os habitantes, para a arca publica, com oitocentos milhões de rublos, dos quaes só tres milhões são despendidos com a instrucção.

Não é só o ensino primario da Russia que se acha nas mais desoladoras condições, mas tambem a instrucção superior do paiz.

O que existe nos cursos superiores é um simulacro de instrucção. Na realização da sua politica de perseguições e odios, recorre o Tzar a expedientes ignobeis de oppressão espirital, de guisa que os estudantes não recebem um ensino verdadeiramente solido e scientifico, mas procuram os tyrannizadores do corpo e do espirito imbuil-os das mais perniciosas influições, desenvolvendo nelles o pendor para a subserviencia e as humilhações á vontade soberana do despota.

Não raro, porém, a mocidade academica se revolta com altivez e reage gloriosamente contra os tyrannos que a querem escravizar.

Confraternizados com os proletarios, os estudantes luctam heroicamente em nome do direito e da civilização, contra os sinistros representantes do despotismo.

Na opinião do Tzar as Universidades são «focos de emancipação perigosa», e muitas vezes elle as converte em instrumentos de espionagem politica para descobrir os que aneiam pela liberdade moral de sua patria, e que não raro são condemnados ao degredo para os confins da Siberia, onde, carregados de algemas expiam o crime enorme de se não aviltarem até o ponto de genuflectir perante a Tyrannia.

Em 1904, devido á necessidade de facultativos para acompanhar o exercito em operação contra os japonezes, decretou o Tzar que os estudantes de medicina recebessem os seus diplomas mesmo sem ter concluido o curso, afim de seguir para a Mandchuria a tratar os feridos ; facto este a que talvez seja licito attribuir-se a grande mortandade verificada nos hospitaes de sangue.

Aos Israelistas, que em todos os tempo tem sido poderoso elemento de progresso dos paizes onde vivem, é defesa na Russia a frequencia ás escolas. A's terriveis e constantes perseguições que o governo move aos infelizes filhos dos hebreos, accrescenta o crime de os espoliar do sagrado direito de se instruirem.

Vendo fechados para seus filhos os estabelecimentos de ensino os Judeos abastados mandam-nos para fóra do paiz a frequentar as escolas estrangeiras, de sorte que ao volverem depois para a patria, devidamente aparelhados para as lutas da intelligencia, trazem

tambem, com a cultura do espirito, ideas e convicções fundas de liberdade e aspirações de revolta contra o absolutismo e a prepotencia.

Isto que aqui dicto fica, em palavras singelas e sem lustre, não é mais do que uma palida e esmaecida pintura da miserissima situação da malaventurada Russia.

Tão densas trevas spirituaes são a mais cabal explicação das extraordinarias derrotas que á esta infeliz nação infligio, em successivos prelios, o luminoso Imperio do Sol.

A instrucção é a base unica do progresso social e do verdadeiro patriotismo, assim como a escuridão do espirito tem como consequencia logica e necessaria o atrazo e a covardia de um povo. Não pode ter a alma afervorada de civismo quem não aprendeo a amar a patria. Chegado o momento em que lhe cumpre o dever sacrosanto de pagar á patria o doloroso tributo de sangue, elle só tem para com ella a mais criminosa indifferença.

A Russia vae-se erguer, emfim. Já vem ao longe, retingindo os horisontes, a luz resplendorosa do movimento regenerador, dirigido pela altiva mocidade das escolas.

As hostes se arregimentam, se alinham e se preparam para a batalha gloriosa e estupenda da civilização.

Ellas são fortes e invenciveis, e hão de emfim conclamar a victoria mais completa, porque vão pugnar pelo ideal sublime da Liberdade e da Instrucção.

LOURENÇO DE SOUZA.

Ultimas palavras de alguns personagens illustres

Henrique VIII :—Estes frades ! Estes frades !

Rainha Isabel de Inglaterra :— Todo o meo reino, Senhor, por mais um minuto.

Locke :—Basta.

Jorge IV :—E' só isto a morte ?

Mozart :—Deixem-me ouvir uma vez ainda esses sons que foram tanto tempo a minha consolação e alegria.

Cromwell :— Estou salvo.

General Welfe :— Pois que ! o inimigo vae em debandada ? Morro contente.

Heller :—A arteria ja não bate.

Washington :—Muito bem.

Mirabeau :—Deixem-me morrer ao som da musica.

Adam Smith :— Liberdade para sempre.

Madame de Staël :—Amei Deos, meo pae e a liberdade.

Byron :—E' chegada a occasião de descançar.

Alfieri :—Aperta-me a mão, caro amigo ; eu morro.

Goethe :—Deixem entrar a luz.

Lamennais :—Tornar-nos-hemos a vêr.

Gustavo Adolpho :—Rapaz, tira-me d'aqui ; sinto-me morrer.

- O mathematico Bezout* :—Cento e quarentae quatro.
- Danton* :—Mostrarás a minha cabeça ao povo, que vale a pena.
- Ajfonso d'Albuquerque* :—De mal com el-rei por amor dos homens, de mal com os homens por amor d'el-rei.
- General Concha* :—Morro na vanguarda.
- Turenne* :—Tem rasão : não quero já morrer hoje ; assim ficará muito bem.
- Vatel* :—Senhor, não quero sobreviver a esta affronta.
- Carlos I* :—Espera pelo signal.
- Epaminondas* :—Morro sem saudade, pois deixo a minha patria vencedora.
- Capitão Scaffelaar* :—Adeos ! Adeos !
- Madame Rolland* :—Liberdade, quantos crimes se commetem em teu nome !
- Santo Estevam* :—Senhor, não lhes imputeis este peccado.
- Maria Stuart* :—Meo Deos, esperei em vós ; entrego a minha alma nas vossas mãos.
- Consul Paulo Emilio* :—E tu, deixa-me morrer no meio d'esta derrota ; para nem eu ser accusado, nem ter que accusar o meo collega, e para livrar a minha innocencia d'outro crime.
- Esopo* :—A geração da aguia foi castigada até no seio de Jupiter !
- Julio Cesar* :—Tambem tu, meo filho, Bruto ? !
- Innocencio Francisco da Silva* :—Adeos, acabou o martyrio.
- Wallenstein* :—Se é isso o que a sciencia te ensina, amigo Seni, nunca mais lhe darei credito.
- Frederico II, da Prussia* :—Enterrem-me junto dos meos cães.
- Juan Padilla* :—Agora é preciso saber morrer com a resignação de um christão.
- Guilherme de Nassau* :—Meo Deus ! Tende piedade de mim, e do meo pobre povo ; estou mortalmente ferido.
- Almeida Garrett* :—Eu já o não vejo.
- Bocage* :—Rasga meos versos ! Crê na eternidade !
- Voltaire* :—Em nome de Deos, deixe-me morrer em paz !
- Lessing* :—Quero declarar-lhe que morro, sem pertencer a nenhuma das religiões dominantes.
- Rousseau* :—Minha pobre mulher, abracemo-nos !
- Gregorio VII* :—Amei o justo e odiei o injusto, é por isso que eu morro no exilio.
- Ignacio de Loyola* :—Venci em todo o mundo !
- Maria Antonietta* :—Desculpe-me, senhor, não o fiz de proposito.
- Ninon de Lenclos* :—Só deixo os moribundos !
- Walter Scott* :—Sinto que volto a mim !
- Nelson* :—Cumpri o meo dever, agradeço a Deos.
- Beethoven* :—E' já tarde.
- Schiller* :—Sempre melhor, sempre mais tranquillo.

Padre Bourgoim :—Fizemos o que pudemos, mas não o que queríamos.

O girondino Lacourse :—Morro no momento em que o povo perdeu a razão; e vós haveis de morrer no dia em que elle a recuperar!



SINTAXILOGIA

(Continuado dos ns. 11—12)

DAS SENTENÇAS

DAS SENTENÇAS SIMPLES INCOMPLEXAS E SIMPLES COMPLEXAS.
DAS SENTENÇAS FORMALMENTE SIMPLES E APARENTEMENTE COMPOSTAS OU FRASES, E VICEVERSA.

24—De acôrdo com a classificação e a tœoria que dêmos da complexidade e composição, nos ns. 12 e 13, e especialmente com a classificação dos termos da proposição ou sentença, no n.º 14 (*A Escola* n. 5), parece-nos bastará darmos alguns exemplos, analisando-os, para melhor se firmar nossa tœoria.

Poderão os estudiosos ou curiosos ir por si mesmos applicando estas analyses aos esquêmas. (Veja-se *A Escola*— pag. 74 n. 18 e pag 147, 148 n. 15).

Mas, deve-se atender ás seguintes considerações:

1.^a— Considerada a proposição comparativamente, como um todo, é natural e logico ser formalmente constituída conforme forem os seus factores essenciaes—sujeito e predicado.

2.^a— Por ser a sentença uma modalidade sintática da proposição, pois a esta consideramos *genero sintatico*, fluem da 1.^a consideração os dois corolarios seguintes:

1.º Sendo *formalmente* complexos os termos ou um só dos termos da proposição, tambem ha formalmente uma sentença complexa;

2.º que sendo aquelles termos, ou um só delles, *formalmente compostos*, na analyse sintática não se verá somente uma proposição ou sentença simples, senão *proposições ou sentenças coordenadas*, e, portanto, uma *frase*;

3.º Na analyse sintática cumpre atender á constituição, á fórma ou estrutura, á posição da proposição, para bem classificar-a.

Como para chamar a atenção, bástá um exemplo de A. Herculano.

«A civilisação não alcança oppôr barreiras á desordem, *que se renova*, transforma-se, multiplica-se, toma todos os aspectos, busca todos os pretextos.» (*Hist. de Portugal*, 1.º vol. pag. 91)

A' primeira vista parêce que só o que grifámos—«*que se renova*» é relativo á palavra *civilisação*; noêntanto o-é tudo o mais que se lhe ségue.

25—Exemplifiquêmos de acôrdo com as oito subdivisões da pag. 22, nº. 14—, de letras *a*, *b*, *c*, etc. etc.

a) Termos simples, não ampliados, constituindo proposições ou sentenças incomplexas.

«*reza e canta...*

(Tomás Rib. — *D. Jayme*, pag 108)—«*Mentis.*—) Ibid. 117).

A	S	B
Elle	reza	
Ella	canta	
Vós	mentis.	

b) Termos simples, ampliados, incomplexos, constituindo proposição ou sentença incomplexa. Ex :

«*A palavra nação* (sujeito ampliado, incompleto) — *representa uma idéa complexa* (predicado ampliado, simples, incompleto). (*Historia de Portug.* 1.º vol. p. 12).

«*Todavia estes caractéres* (*suj.* ut supra) *não teem um valor real senão á luz da historia*» (*predic.* ut supra). (Ibid. pag. 13).

«*Ao menos assim se procedeu com os habitantes do Porto*».— (Ibid. 3.º vol. p. 6). Em ordem diréta—*Ao menos se* (*suj.*)—*procedeu assim com os habitantes do Porto* (*pred.*).

«*Tal era a ampliação do tractado.*

«*Estes graves successos passaram na primavera de 1160. Affonso I, posto finalmente em liberdade, recolheu-se em seus estados.*

A sua situação mudava.

Mas a partida da rainha foi como o signal de novas luctas.

Os socorros dados por D. Thereza ao conde D. Pedro Froylaz não foram gratuitos.

O systema adoptado na restauração da antiga capital do imperio wisigothico foi seguido nas ultimas conquistas deste reinado.»

(A. Herc., *Historia de Portug.*, 1.º vol. pags. 205, 436, 440, 250, 251, e 3.º vol. pag. 210.)

«*Todos se ergueram reverentea, mudos.*

Entrava D. Martinho no salão. (De *Jayme*, pag. 74.)

c)—Termos simples, ampliados e complexos, constituindo sentença simples, complexa. Ex : —1.º Complexidade subjetiva— «*O que espera venturas d'essa Hespanha, é louco!*» (Do *Jayme*, pag. 75).

«*Nóte-se, todavia, que isto não passou de um presupposto.*» (*Hist. de Portug.* 1.º vol., pag. 26.)

Em ordem diréta, temos—sujeito simples, ampliado; complexo—clausula subs.—*Que isto não passou de um presupposto*; —predicado—*todavia nóte-se*, constituído pelo verbo *nóte* trans. immed., linguagem de vóz passiva, sentido indeterminado, equivalendo semanticamente ao passivo analitico indeterminado — «*seja notado*».

Mudada a proposição para linguagem de voz ativa—, teríamos : —*Nótem que isto não passou etc.* Continúa complexa a sentença, ficando porêem impessoalizada, e a clausula que na voz passiva exer-

cia função subjetiva, ahí exerce função objectiva, ou de obj. diréto de *notem*.

Pessoalizar-se-ia si se lhe desse este sentido—*Notemos* que isto não passou etc.

«O havê-las este príncipe constringido alevantárem o assédio de Santarem» (*clausula suj. complexo*)—tornava natural a vingança» (predicado)— (*Hist. de Port.*, 1.º vol., pag. 440).

«Era a estes homens, enriquecidos por elle e cujo instituto os obrigava a conbater de continuo centra os infieis, que o rei inhabilitado para vestir as armas, confiava principalmente a defensão das suas ultimas conquistas». (*Ibid.*, pag. 340).

Colloquêmos em ordem diréta essa sentença simples, complexa subjetivamente, assinalando entre parêntesis cada função.

Temos—Suj. ampliado complexo desde—«*A estes homens*»—até—«*conquistas*», excéto—«*era*»—que é o predicado.

Suj. ampliado complexo, claus. conj. subst.—*Que o rei, inhabilitado para vestir as armas* (apôsto subj., função attributiva, méra ampliação, formalmente incompleta)—«*confiava principalmente a defensão das suas armas*»—parte do predicado da clausula—verbo—*confiava*—, obj. dir.—*principalmente a defensão* etc)—«*a estes homens enriquecidos por elle*» (obj. ind. de *confiava*, verbo bitransitivo, ampliação incompleta)—«*e cujo instituto os obrigava de continuo contra os infieis*»—(clausula adj., em função attributiva do obj. indiréto—*a estes homens*;—acidental, meramente explicativa)—; (predicado—simples, não ampliado, incompleto)—«*era*».

2.º Predicativamente.

«Essa dissolução» (suj. simples., ampl., incompl.)—«*havia acabado a tarefa que a Providencia lhe destinara na obra do progresso humano*» (*Ibid.*, pag. 27). Análise do predicado—ampliado, complexo—constituído pela clausula adj. «*que a Providencia etc*», em função attributiva de «*tarefa*».

Esquema:—

Essa dissolução | havia acabado a tarefa

A

S

O

B

que a Prov. etc.

D

«E, na verdade, já Cicero se queixava de que os estrangeiros, principalmente os celtas (*braccatae nationes*) affluindo a Roma, houvessem alterado a pureza da dicção». (*Ibid.*, pag. 35).

«Em Roma o vulgo falava, sem duvida, de modo diverso daquelle que os escriptores usavam». (*Ibid.*, pag. 34).

«E' nossa lei, firmada por Castella, que os nobres portuguezes, não tinham de ir alem de seus dominios ;

signas levar e arnezes ;»

(Tomás Ribeiro, *D. Jayme*, pag. 76).

Suj.—«*nossa lei*», ampliado, incompleto, por — «firmada por Castella»; predicado—«*é — que os nobres portuguezes*», complexo, claus, adj., função predicativa.

Subjetiva e predicativamente.

«As populações mixtas *que habitavam a Peninsula* haviam, pois, desde longo tempo abandonado a vida errante *para conviverem juntos em povoados*». (Hist. de Port., 1.º vol., pag. 38).

«O aceita-la o amir de Marrocos, que expressamente viera a Peninsula com tropas numerosas *para dar calor á guerra contra os christãos*» (suj. ampliado, multiplamente complexo pelas clausulas)— mostra *que* a reputação militar dos portuguezes ainda gerava temor, apesar do revés da Badajoz, *mais fatal* para o principe nas consequencias *que tirava do que* para o pais» (predic. ampl., complexo pelas claus. adj. e adj. adverbias). (Ibid., pag. 441).

(*Continúa.*)

CONEGO BRAGA.

NOTAS

Nota G 1 que ficou do final do n.º 23—quanto ao sentido sentencial ou fraseológico.

Exemplos :

«Qual é o resultado de tudo o que fica dito ?—Que é impossível ir entroncar com ellas a nossa história ou dellas descer logicamente a esta». (*A. Herc.*, *Hist. de Port.*, 1.º vol., pag. 46).

Far-se-á a mesma reflexão quanto ao sentido fraseológico, á pontuação e aos connectivos sintáticos ou conjunções

Devido á rotina ditatorial de certos grammaticos, têm-se considerado o *ponto final* como uma actação sintáctica subjectiva que indica absolutamente concluído o pensamento.

Por vêzes, no entanto, não passa de uma pausa maior sem cortar a relação discursiva, isto é, sem interromper a concentração relacional e logica do discurso escrito ou falado, *justa mentem scribtoris vel oratoris*.

Há muita irregularidade quanto ao emprego e uso da pontuação. Veja-se, por exemplo, como o proprio Soares Barbosa desrespeita as regras que estabelece quando trata de pontuação. (*Gram. Phil.*)

Nos melhores mestres da lingua, deparam-se-nos exemplos dessa irregularidade quando collocam *virgula* entre os elementos do sujeito e os do predicado alterando-lhes o sentido, quando tal emprego so é permittido havendo *apostos* etc, intercalados na sentença e que rigorosamente devem ficar separados. Por ex. : no *Lusiadas*, VII, 81

E ainda, *Nymphas minhas, não bastava,*

Que tamanhas miserias me cercassem etc.

Em *bastava* é desnecessaria a *virgula*, pois que—o suj. da sentença complexa é a clausula—*Que tamanhas miserias etc.*

Muita coisa corre por conta de revedores, tipographos, e muitas vezes, de eruditos.

Veja-se quão diferente e regular é *A Herculano*, na ultima edição da *Historia de Portugal*, que elle mesmo reviu e corrigiu.

«Seguro no throno, Ramiro I obteve varias victorias dos musulmanos e repelliu os piratas normandos que principiavam então a saltar as costas da Galliza. As tentativas para o expulsar do throno renovaram-se por duas vezes, mas de ambas saiu vencedor. A vingança que tomou dos cabeças destas rebelliões prova que o caracter de Ramiro era bem contrario á brandura do de seu pae» etc.

«O godo renegado, de que noutra parte falamos, e que se tinha tornado independente do amis de Cordova, ousára entrar no territorio dos christãos, onde constituiu a fortaleza Albaida ou Albelde na moderna Riaja.» (A. Herc., *Hist. de Port.*, 1.º vol., pags. 132, 133).

Bastarão alguns exemplos para se provar que o sentido fraseologico persiste ou vai muitas vezes alem do ponto final, onde está o coordenativo conetivo em função sintática correlacional. Vejamo-lo no *Eurico* pag., 220 : «O tropel dos pelejadores rareava de instante a instante. Mas os que expiravam não ficavam sem vingança». E á pag 224: «Não são apenas alguns corredores, etc. Mas elles não o escutavam : Sanciam, seguido, etc.

As envenenadoras d'outro tempo

A fatuidade dos meos contemporaneos encheo-me de admiração porque é solemne e definitiva. Teem-se geralmente por assente, com effeito, que os homens que nos precederam no globo terraqueo viveram na mais profunda ignorancia Tal é pelo menos o primeiro artigo do credo moderno,

Mais que todos porém os historiadores são de uma pretensão que não deixa de ter graça. Não ha para elles ponto obscuro nem duvidoso.

Fora do caso — rarissimo — em que o historiador é um genio que percebe os homens e as cousas sob o seo aspecto eterno, como dizia Spinosa, a historia representa unicamente a idea que uma epoca tem da outra. E entretanto com que segurança os senhores historiadores emittem os seus oraculos.

Entre as aventuras do passado sobre as quaes se exerce a sua sagacidade figuram os phrenesis de envenenamento que se produziram em varias epocas. O periodo neroniano, a Renascença italiana, o reino de Luiz XIV formigam de envenenadores. Quaes eram as substancias empregadas pelos criminosos? Receitas mysteriosas e terrivelmente poderosas, diz a lenda dos Locusto, Borgia e Voisin. Qual historias, respondem os medicos e chimicos modernos; antes de nós não se podia conhecer senão dous ou tres venenos e o principal era o arsenico, difficilimo de encontrar em uma autopsia antes da descoberta quasi recente do aparelho de Marsh. Os criminosos dispunham de duas ou tres drogas sempre as mesmas e nada mais.

O arsenal do mal é sempre rico e não ha epoca em que os homens o não tenham aperfeiçoado. Lendo os documentos que nos restam sobre os envenenamentos celebres ve-se que a toxicologia foi sempre bem conhecida. Se os antigos tinham á sua disposição menor numero de venenos mineraes, podiam conhecer todos os venenos vegetaes e animaes conhecidos hoje. Já os negros da costa d'Africa envenenavam as suas flechas com ptomainas e germens microbianos. Os companheiros de Stanley á sua custa o ficaram sabendo. O que a sciencia da idade media chamava o vegetal de uma planta a de hoje chama alcaloide. Os autos do processo do negro Jean Mor, que em 1764 tentou envenenar o amo em Brest demonstram que se conheciam em França as temiveis sementes da vegetação tropical como o estrophantus, o

tanghin de Madagascar, o uabaia. Uma unica semente de estrophantus do volume apenas de um grão de aveia e sem sabor particular, basta para matar um homem paralyzando-lhe o coração sem deixar o menor vestigio.

O mais extraordinario nos processos de envenenamento d'outra principalmente no XVII seculo que foi uma epoca de completa decadencia, são as relações de autopsias. Mas não escarneçamos, pois não ha vinte annos que o herborista Moreau foi guilhotinado por engano porque os peritos declararam que a autopsia revelava a presença de sulfato de cobre nos cadaveres das pretendidas victimas, sendo que esse sulfato de cobre, como se reconheceo mais tarde, provinha do terreno do cemiterio... Aliás as polemicas scientificas que esta questão levantou não conseguiram pôr as cousas completamente em pratos limpos.

O reinado de Luiz XIV que tantas miserias e vergonhas escondia sob a pompa e o fasto, legou-nos tambem varios enigmas venenosos que medicos, chimicos e historiadores porfiam sem proveito em desvendar. Não ha ninguem mais obstinado do que um erudito. E então quando se lhe depara um mysterio a que se prende o *odor di femina*, o seo ardor redobra. Quem não sabe que Victor Cousin se apaixonou retrospectivamente pelo capitoso fantasma duas vezes centenario da duqueza de Longueville? O grave Littré viveo assombrado pela graciosa imagem de Madame agonisante, a encantadora cunhada de Luiz XIV que segundo a expressão de Bossuet, foi meiga á morte como a todos sem que se saiba se a envenenou a classica chavena de tisana. Com a sua dialectica de mestre, Littré procura demonstrar que a coitada morreo de uma peritonite subsequente á perfuração de uma ulcera redonda do estomago. A pathologia do tempo em que ella vivia ignorava a doença de Cruveillier. Não, responde o Dr. Legué, Madame morreo envenenada pelo sublimado que lhe deitaram na tisana de chicorea. Tem razão Littré contesta Funck-Brentano de companhia com o professor Brouardel e o Dr. Legendre, Madame morreo de peritonite. E que argumento de parte e d'outra. Como concluir? De um modo bem simples. Que já é tarde para tratar da doente. Madame morreo a 30 de Junho de 1670!

Outro enigma: Mlle Du Parc, formosa actriz que foi amiga de Racine, foi ou não envenenada pelo seo glorioso amante? A Voisin, sinistra comadre da actriz, da-o a entender e Louvois chegou a dar ordem de prender esse tal Racine. D'esse dia para cá os eruditos discutem. E' impossivel, diz sorrindo Larroumet, é impossivel repete Brunetiére. Não ha duvida que é impossivel, mas que alegrão para a maldade humana se pudesse conspurcar com uma accusação abominavel a memoria do grande poeta. O mais provavel é que a Du Parc succumbio a manobras abortivas praticadas com o consentimento de Racine. N'essa epoca não se tinha sobre o aborto as ideas de hoje, ninguem cuidava então que fosse caso para a forca e tambem por isso mesmo provavelmente o aborto era menos usual e frequente que em nossos dias. A população da França augmentava n'essa epoca, hoje diminue.

Quem pois nesse brilhante e terrível seculo de Luiz XIV pode escapar á suspeita de ser um envenenador? O vehemente Saint-Simon que foi para a sua epoca uma especie de Daumier em nossos dias, um revelador dos pensamentos secretos e das infamias individuaes, não é o unico a deslustrar reputações que pareciam imbaciaveis. Os nossos ratos de bibliotheca vão roendo dia a dia terríveis documentos, mas ninguém saberá nunca o que continham os que Luiz XIV atterrorizado queimou com as suas proprias mãos. A segunda metade do seculo XVII é um drama tenebroso e intimo em que o veneno abate protagonistas e comparsas. Metade da corte envenenava a outra. Faziam-se experiencias *in anima vili*. Antes de operar na pessoa de seo irmão e de seo pae a formosa marquesa de Brinvilliers experimentara nos doentes dos hospitaes os toxicos que lhe preparava seo amante, o brilhante official Sainte-Croix. A marquesa não era certamente uma creatura banal. Pequena, miuda, e meiga com uma physionomia encantadora, grandes olhos ternos, escondia sob um envolver delicado uma alma terrivelmente apaixonada. Era capaz dos maiores crimes e das acções mais sublimes. Viveo como um demonio e morreo como uma santa. Perdera a virgindade aos sete annos. Pequenos peccados de menina, diz ligeiramente Jules Michelet, sempre indulgente para as fraquezas da carne. A marquesa podia pois conservar a recordação d'esse incidente da sua vida, no que levou a palma á Laïs de Corintho que não se lembrava de ter sido virgem. Mas, por ter começado mais tarde, nem por isso perdeu o tempo. Foi successivamente amante de todos os seus irmãos. Só se tornou envenenadora depois de ter encontrado St.-Croix, cavalheiro seductor e leve de escrupulos que era um bom discipulo do celebre inimico Glazer que deo o seo nome ao sulfato de potassa. A partir d'ahi envenenou a torto e a direito. Envenenou «por amor da arte» como, outros se entregam a um sport predilecto. Esta mulhersinha era aliás energica como um diabo. Presa, tentou suicidar-se.

Que venenos lhe fornecia o discipulo de Glazer? Julga-se que era arsenico. Mas n'essa epoca os envenenadores usavam de varias maneiras engenhosas de fazer penetrar o arsenico no organismo das suas victimas. Mme. de Poulailon mandou o marido d'esta para melhor fazendo dissolver o arsenico na gcmma das camisas, um punhadinho de arsenico de cada vez declarou a perita La Bosse.

A camisa envenenada d'este modo provocou graves desordens da pelle dos orgãos genitales que os medicos attribuiram á syphilis. Para completar a obra a mulher deo-lhe é verdade com as tisanas que os medicos prescreveram mais arsenico. O pobre homem não tardou a morrer e os amigos lastimaram a pobre viuva, victima de um marido dissoluto até á morte. O processo era engenhoso como veem, entretanto tinha o inconveniente de pôr um certo impecilio á carreira galante da viuva, pois sempre se podia suppor que...

N'estes ultimos annos o Dr. Lucien Nass experimentou em um porquinho da India fricções com uma pomada contendo 1/10 de acido arsenioso. O animal morreo ao cabo de quarenta e oito horas.

Os envenenadores do seculo XVII conheciam um grande numero

de crysteis que não eram benignos como o que a Faculdade recomendava a Mr. de Pourceaugnac. O uso do *crystal* era tão frequente que se podia envenenar á vontade por este canal. Em um só anno Luiz XIII tomou por ordem do seo medico principal Dr. Bouvard cento e doze crysteis, sem contar cento e quinze medecinas e quarenta e sete sangrias. Um conego de Troyes tomou em dous annos 2190 crysteis. Ora o *crystal* tem sobre as beberagens numerosas vantagens, para o envenenador. Primeiro que tudo a addição de um veneno que tenha máo gosto não é possivel na bebida ao passo que no *crystal* não apresenta o mesmo inconveniente. Por isso tambem era muito empregado o *crystal* com pequenas doses de acido sulfurico que provocava com o tempo a ulceração do intestino e finalmente a peritonite.

Empregava-se tambem a miudo o veneno distillado em um alambique animal. Na opinião de Chapuis o famoso veneno dos Borgia era obtido abrindo o ventre de um porco que se polvilhava de arsenico e se deixava apodrecer recolhendo os liquidos que escorriam da massa. Os fornecedores dos Borgia conheciam pois as combinações da substancia mineral com os corpos organicos que hoje se chamam amides.

O sapo, animal preferido dos envenenadores, era tratado como uma esponja de venenos. Envenenava-se lentamente um sapo com pequenas doses de arsenico. Recolhia-se-lhe a urina e o veneno que se lhe fazia vomitar battendo-o, finalmente deixava-se morrer e putrificar o animal; e as substancias que se obtinham deixando seccar tudo deviam ter, diz o dr. Nass, uma virulencia extrema já que na sua composição entravam o arsenico e os alcaloïdes da putrefacção.» Notemos de passagem, o papel constante do sapo junto de todas as classes de experimentadores. E' o animal predilecto dos antigos feiticeiros e, se Paracelso o declara um animal essencialmente magnetico, Claud Bernard chama-o «animal physiologico».

*
**

As abominaveis creaturas que aterrorisam uma epoca inteira e até o proprio Luiz XIV, a Voisin, a Filastre a Cheron e os seus acolytos empregavam todos estes processos. Mas entre todos os toxicos, a Voisin, a grande virtuose, preferia o oiropigmento ou sulfureto amarello de arsenico que ella chamava «o pae dos venenos». A Voisin, ajudou metade da corte a envenenar a outra. Mas tinha uma idéa elevadissima do segredo profissional. Quando a admiravel energia do logar tenente de policia la Reynie abriu um inquerito contra Colbert, Louvois e toda a corte, a Voisin não nomeou senão um pequeno numero de pessoas da sua freguezia.

Quanto a Luiz XIV o que lhe importava era destruir as provas das tentativas da bella Mme. de Montespan contra as suas outras amantes ou contra elle proprio. Enigma que se ajuntara aos que de mais longe vinham: assim é que nunca se chegou a saber se a formosa Julia de Fontanges foi envenenada por Mme. de Montespan. Esta loira criança era tão gentil que todos os seus parentes se cotisaram tendo ella ape-

nas dezoito annos para envial-a á côrte conquistar o rei, o que não deixa de ser um commovente exemplo de solidariedade familiar. Morreo, affirmam alguns eruditos, na graça dos seus 22 annos, de uma pleuro pneumonia tuberculosa cuja acção foi precipitada ainda pela hemorragia que lhe veio depois do parto. Mas ella e os que a cercavam pensaram sempre que o seo mal era effeito do veneno da Montespan. O que é certo é que esta ultima enviara á Normandia a celebre envenenadora Filastre, comadre da Voisin, para estudar alli o segredo de um veneno que devia servir para e pobre Julia de Fontanges e que na volta a Filastre fez o que poude para entrar ao serviço de Fontanges. Quando porém estava n'isto a policia prendeo-a.

Então é que foi o escandalo. Imaginem a careta do Rei-sol quando foi informado de todos os horrores secretos de que a sua côrte era o theatro e quando soube que Mm^e. de Montespan não só mandara dizer por elle proprio missas negras, e mil bruxarias, mas que lhe fizera beber toda a especie de drogas e misturas immundas que preparavam a Voisin e os seus acolytos. As explicações entre os dous amantes foram violentissimas. O rei exprobava á favorita os seus defeitos, o seo character altivo e duro, o seo espirito orgulhoso e dominador. E' possivel que eu tenha esses defeitos todos que V. M. diz, mas pelo menos não tenho o fedor de V. M.

Todas as vezes que Mme. de Montespan receiava perder algo das boas graças do rei, corria á casa da Voisin que começara pela bruxaria, a sua carreira de envenenadora. Não se deve tomar com effeito esta immunda Voisin por uma vulgar deitadora de mao-olhado. Muito instruida e bastante fina, a Voisin preparava para a Montespan pós e pastas de amor nas quaes entravam todos os ignobeis ingredientes que indicam os alfarrabios : cantharidas, pós de toupeiras seccas, sangue de morcegos, e menstros da bella Athenais. Estas pastas eram collocadas debaixo do calice durante a missa negra consagrada a este tenebroso e porco encantamento, e Luiz XIV engulia estas composições de envolta com os alimentos.

E é um quadro que muitos historiadores traçam com minucia a d'essa famosa missa negra que, diz o infame abbade Guibourg, tinha por altar o bello corpo nú de Athanais de Montespan sobre o qual elle estrangulava uma creancinha segundo o abominavel ritual d'essa seita.

V. EMILE-MICHELET.



Noticiario

Dr. Vicente Machado

Cessou de viver a vida do tempo, no dia 3 de Março recem preterito, o eminente estadista Exmo. Sr. Dr. Vicente Machado, um dos paranaenses que mais lustre deram á formosa terra do Paraná, pela sua extrema dedicação á causa publica.

O inolvidavel morto exerceo com muito brilho diversos cargos em todo o decurso da sua vida publica, chegando a representar com alta competencia o Paraná em a suprema corporação legislativa do paiz, e a presidir por duas vezes os destinos politicos administrativos do nosso querido Estado.

A sua vida mortal se extinguiu quando o notavel patricio ainda se desvelava no desempenho dos encargos de presidente do Paraná, dedicando suas energias ao progredimento da nossa terra, a cuja instrucção publica prestou serviços mui relevantes, motivo porque o Gremio dos Professores lhe conferio o titulo de seo presidente honorario.

A Directoria do Gremio cumprio o seo dever para com a memoria do extinto, acompanhando os seos funeraraes e depositando no ataúde uma corôa de saudades.

Presidencia do Paraná

Assumio o elevado encargo de Presidente do Estado do Paraná o benemerito paranaense Exmo. Sr. Dr. João Candido Ferreira.

S. Exa. já presidira o Estado interinamente, deixando em as diversas provincias de sua bemditosa administração eloquentes provas do seo alto devotamento á causa publica, promovendo com exalçavel dedicação a grandeza e felicidade do Paraná.

O conspicuo chefe do Poder Executivo prestou tambem ao Estado muitos outros serviços de reconhecida valia quando na Camara dos Deputados Federaes foi um dos seos mais dignos representantes.

O eminente paranaense, que possui um espirito opulento pelas divicias de uma louvavel cultura sciencia, continuará a ser o mesmo devotado obreiro da prosperidade da nossa terra, a que tem consagrado sempre as primicias de sua alma de patriota.

O Gremio dos Professores confiadamente espera que S. Exa. concretizará a sua sympathia para com a instrucção popular cercando de consideração e prestigio os educadores da infancia, que são os verdadeiros constructores do edificio altaneiro da civilização.

O nosso Redactor

A Directoria do Gremio dos Professores conferio o titulo de socio honorario da referida Associação ao digno e preclaro educador Snr. Dario Vellozo, em attenção aos grandes e inestimaveis serviços pelo nosso Redactor-chefe prestados á magna causa da instrucção em geral e ao nosso Gremio em particular.

E' com o maior desvanecimento e justo orgulho que aos membros da nossa aggremação magisterial levamos a bemditosa nova de que lhes cabe a alta honra de no numero dos seus consocios contarem o eminente escriptor cujo espirito, grandemente fortalecido pelas luzes dos conhecimentos, ha sempre pugnado victoriosamente em prol da mais poderosa causa da civilização—a instrucção publica.

Normalistas

Completaram este anno o curso da Escola Normal os seguintes professores :—Raul Rodrigues Gomes, Victor Grein, João Theophilo Gomy Junior, Gisella da Silva Stenghel, Orminda de Macedo Xavier, Lavinia Setembrina de Mello, Maria de Moraes Leinig, Rosa Sá Pereira de Souza, Amelia Paraná, Athalia Gomes de Miranda, Julia Weckerlin, Maria Olympia da Silva, Julina de Sá Sottomaior Ramos, Anna Luiza de Souza Guimarães e Octacilia Hasselmann.

Fallecimento

No dia 16 de Dezembro do anno passado, falleceo D. Januarina Vambier, m. d. professora publica duma das cadeiras da cidade de Ponta Grossa.

O Gremio dos Professores envia pezames á desolada familia.

Pedagogia

Deve apparecer brevemente á luz da publicidade uma obra pedagogica, lavrada pelo nosso conspicuo consocio honorario e redactor chefe desta revista, Sr. Dario Vellozo.

Pelas columnas desta revista já o nosso preclaro collaborador Dr. Azevedo Macedo publicou algumas apreciações referentes a essa importante obra com a elaboração da qual vae o illustre pedagogista prestar mais um relevantissimo serviço á nossa instrucção publica.

Todos os professores do Paraná devem adquirir o referido livro, diringindo-se para esse fim a qualquer membro da Directoria do Gremio.

Cumpra aos educadores esforçarem-se por cumprir do melhor modo possivel os deveres que concernem ao seu cargo, exercendo o magisterio com intelligencia e dedicação; e pois se lhes depara

agora um ensejo de se aperfeiçoarem na exalçavel profissão de mestres, ampliando os seus conhecimentos da sciencia da educação.

Recommendamos-lhes pois, a obra do Sr. Dario Vellozo, pres-tes a surgir ao lume da publicidade.

Resolução do Gremio dos Professores

A Directorio da *Gremio dos Professores* resolveo convidar para socios do mesmo, todos os professores que ainda não pertencem a esta importante associação. Todos os collegas, pois, que desejarem entrar para o *Gremio*, tenham a bondade de avisar a Directoria do mesmo.

Conferencias Pedagogicas

No dia 24 de Março recem transacto, perante numerosa concurrencia e sob a presidencia do benemerito e eminente cidadão Dr. Sebastião Paraná, Inspector Escolar da Capital, realizou na Escola Oliveira Bello uma brilhantissima conferencia pedagogica o victorioso tribuno e illuminado escriptor Sr. Dario Vellozo.

Ao iniciar a sua prefulgente oração, teve o conferencista palavras carinhosas e encomiasticas para com o Gremio dos Professores, fundado para a concretização de um ideal bellissimo—a fraternização e o progredimento espiritual dos membros da nobre classe do professorado paranaense.

Entrando no assumpto, emittio elevados conceitos acêrca da missão exalçavel do professor primario, que é na verdade o constructor do edificio gigantesco da civilização.

Que grande e poderosa influencia não exerce nos destinos sociaes de um povo a humilde escola publica, obscura e despercebida num recanto, mas illuminando como estrella de primeira magnitude!

Exhortando o professorado ao respeito á consciencia alheia e á pratica da virtude da Tolerancia, dice o orador que a porta da escola publica deve abrir-se de par em par a todas creanças sequiosas de luz, sendo absolutamente defeso ao professor inquirir sequer as creanças ou descreanças dos seus paes, religiosas, politicas ou philosophicas. O preceptor deve tratar egualmente, com o mesmo carinho paternal, a todos os seus alumnos, sejam quaes forem os bens de fortuna ou posições sociaes dos seus progenitores, pois a escola, se é uma typificação da sociedade, onde ha relações mutuas de deveres e direitos baseadas nas leis, é tambem uma prolongação e imagem formosa do lar, onde impera a lei bemdicta do Amor.

O mesmo eloquente tribuno realizou no mesmo local, no dia 7 do mez fluente, a segunda conferencia da serie que com tanto brilho iniciou.

Perante um auditorio numerosissimo, e sendo a sessão presidida pelo illustrado Inspector Dr. Sebastião Paraná, o Sr. Dario Vellozo desenvolveo com extraordinario fulgor o importante assumpto da

obrigatoriedade do ensino da lingua vernacula nas escolas particulares do Brazil, maxime nos Estados meridionaes, onde é copiosa a onda invasora da immigração europea, nutrindo talvez intuitos de conquista.

O orador acceta cordialmente que para o Brazil derivem correntes immigratorias, porquanto, possuindo um territorio immenso e cabal a conter todos os povos da Europa, necessita a nossa Patria de elementos que laborem na obra grandiosa do nosso progredimento e civilização.

A magna questão porém é que os estrangeiros tragam tambem o concurso da sua boa vontade em prol da Patria adoptiva, a brazilando-se e dedicando-lhe as affeições das suas almas, assim como se americanizam os immigrants que buscam e encontram a felicidade nos Estados-Unidos do Norte.

O orador não receia o perigo da conquista bellica do Sul do paiz, porque confia plenamente no patriotismo e no valor dos nossos concidadãos; mas entende que é pelo estudo da lingua vernacula nas escolas dirigidas por estrangeiros no Brazil, que no coração dessa infancia de origem europea se inculcára um verdadeiro amor para com as nossas gloriosas tradições e para com os fastos da nossa Historia, porquanto a lingua é um dos mais poderosos factores da nacionalidade.

Longamente discorreo o conferencista, citando factos historicos comprobativos da verdade das opiniões que externou na demonstração da necessidade de se tornar effectiva, por parte do Governo Brasileiro, a obrigatoriedade do ensino da lingua vernacula nas escolas estrangeiras.

Foram muitissimo applaudidas ambas as conferencias do nosso illustre consocio e redactor-chefe, a quem enviamos destas columnas fervorosos agradecimentos pelo inestimavel serviço que por meio dessas palestras pedagogicas vae prestando ao Gremio dos Professores em particular e á instrucção publica em geral.

NO EGYPTO

O illustre egyptologo suiso Eduard Naville dirigio ao *Journal de Genève* uma carta datada de Deir-el-Bahari, onde annuncia uma preciosa descoberta archeologica, feita a 7 de Fevereiro, no correr das pesquisas que elle dirige. E', ao que parece, o mais importante resultado que até hoje se tem obtido.

Trata-se de uma capella da deusa Hathor, pequeno sanctuario visinho do mais antigo templo de Thebas, ha alguns annos descoberto. Essa capella, erigida mil e duzentos annos depois do templo por Thothmés III, ostenta uma decoração admiravelmente conservada.

A deusa é, segundo o uso sagrado, representada por uma vacca esculpida, de tamanho natural e tambem em excellente estado de conservação: falta-lhe apenas a ponta da orelha direita.

A vacca é de pedra pintada, vermelho-escuro, com malhas negras aleita um reisinho, cuja figura se não acha tão perfeita como o animal e que outra não é senão Amenophés II, filho de Thothmés III.

A *raça* da vacca, indicada pelo artista, nos seus traços especiaes, é a mesma que se encontra nas vaccas egypcias de hoje.

Accrescenta o sr. Naville que o sr. Maspero ordenou que se transportasse para o museo do Cairo a vacca do santuario, com as suas pinturas e esculpturas. E' unico meio de preservar do vandalismo e da destruição esse achado, unico no seo genero; nem se poderiam deixar taes thesouros na solidão de Deir-el-Bahari, onde elles dormiam sepultados ha mais de mil annos.

A nossa Revista

A's pessoas a quem temos remetido A ESCOLA, rogamos o favor de nos enviarem com a maior brevidade possivel a importancia da assignatura do 1º anno, afim de podermos occorrer ás onerosas despesas da publicação desta revista. Enviando-nos essa pequenina quantia, prestarão tambem um bom serviço á diffusão do ensino e ao alevantamento da instrucção publica do Estado, pela qual vae a nossa revista pugnando com extremos de dedicação e devotamento.



EXPEDIENTE OFFICIAL

MEZ DE SETEMBRO

DECRETO N. 360 (de 18)

Aposentando o lente de latim do Gymnasio, Dr. José Francisco Franco Valle, com o ordenado annual de 3:420\$000 inclusive a gratificação.

DECRETO N. 361 (de 18)

Concedendo dois mezes de licença á professora D. Franceliza C. Pereira de S. Felicidade, e á professora D. Maria A. Pereira de Castro de, Prudentopolis, 2 mezes, ambas para tratamento da saude.

DECRETO N. 362 (de 18)

Concedendo dois mezes de licença á professora de Bocayuva, D. Maria Leocadia Pinheiro Brandão.

DECRETO N. 364 (de 18)

Nomeando o Sr. Dr. F. R. Azevedo Macedo lente interino de pedagogia e logica do Gymnasio e Escola Normal, durante o impedimento do effectivo que está licenciado.

DECRETO N. 365 (de 18)

Nomeando director do curso agronomico o Sr. Oscar von Meien e auxiliar o Sr. Antenor Ferreira.

DECRETO N. 366 (de 18)

Abrindo um credito de 366\$666, para pagar ao professor Lindolpho P. R. Pombo a sua melhoria de classificação.

DECRETO N. 367 (de 18)

Concedendo á D. Paulina F. de Souza, professora de D. Pedro e Orleans, 2 mezes de licença para tratar da saude.

DECRETO N. 367

Concedendo 2 mezes de licença á D. Maria da Luz Souza Lopes, professora da colonia Faria.

DECRETO N. 376 (de 18)

Removendo o professor Jorge M. N. Teixeira da cidade de Paraguará para a cidade da Lapa.

MEZ DE OUTUBRO

DECRETO N. 379

Transferindo a escola para o sexo feminino da colonia D. Pedro e Orleans para a colonia S. Ignacio, ambas do municipio de Coritiba e removendo para a mesma colonia a respectiva professora D. Paulina F. Souza.

DECRETO N. 381 (de 4)

Concedendo um mez de licença á professora da Lapa D. Julia S. Ribas Moreira.

DECRETO N. 387 (de 18)

Concedendo a exoneração pedida pelo professor Ulysses G. Mascarenhas de Ponta Grossa.

DECRETO N. 388 (de 18)

Concedendo á D. Angela Ferreira Lopes do municipio da Palmeira um mez de licença.

DECRETO N. 390 (de 18)

Nomeando o Dr. Caio G. Machado Lima, para o cargo de inspector fiscal das escolas de uma das circumscripções escolares.

DECRETO N. 391 (de 20)

Nomeando o professor Modesto Bittencourt Sobrinho para reger a escola da colonia D. Marianna municipio de Campo Largo.

DECRETO N. 397 (de 22)

Concedendo 3 mezes de licença a H. Germano Zastrow professor de allemão e inglez do Instituto Commercial.

DECRETO N. 399 (de 23)

Classificando em 2ª classe a professora D. Anna S. Herides, do Pilarzinho, municipio da Capital.

DIA 22

O Dr. Secretario do Interior communicou ao Secretario de Finanças que o Sr. Dario P. de Castro Vellozo assumiu no dia 20 o exercicio do cargo de lente do Gymnasio e Escola Normal, renunciando o resto da licença em cujo gozo estava.

DECRETO N. 438 (DE 28 DE DEZEMBRO)

Passando para a 2ª classe o professor João Agostinho Ferreira, de Paradoiro, municipio do Pirahy.

DECRETO N. 44 (DE 15 DE JANEIRO DE 1907)

Concedendo 30 dias de licença ao professor Carlos C. P. Sobrinho.

DECRETO N.º. 15 (de 15)

Concedendo dois mezes de licença ao professor Pedro Carli, de Palmas.